



# TRATADO HISTÓRICO DO RIO BRANCO<sup>1</sup>

por

Alexandre Rodrigues Ferreira

1787

*A*cho escrito<sup>2</sup> que os tapuias o chamam Queceuene. A cor da sua água é branca, em contraposição da do Rio Negro, onde deságua pela margem setentrional. Por esta razão lhe dão o nome de Rio Branco. Com este nome o especifica o analista do estado, quando escreve, no Livro X dos *Anais Históricos*, a viagem do capitão-mor Pedro Teixeira a Quito, e a sua volta para o Pará, pelos anos de 1639, e no § 728 continua assim:

Sessenta léguas mais abaixo do Ianapuari, 4° ao Norte desemboca o Rio Negro (onde temos hoje uma fortaleza) comunicado já outro caudaloso, chamado Branco (que confina com Suriname, colônia holandesa), povoados ambos de muitas nações do gentilismo, e algumas delas missionadas pelos religiosos de Nossa Senhora do Monte do Carmo, tão distinto era já o conhecimento e o trato que havia deste rio, quando governou o Estado aquele benemérito general, desde que do seu governo tomou posse no ano de 1718. [Por ele entrava o Ajuricaba a negociar os escravos que levava aos holandeses ].<sup>3</sup>

Por ele navegaram sempre os portugueses, ainda que muito mais particularmente o fizeram desde o ano de 1740, governando o Estado o Exmo. Sr. João de Abreu Castelo Branco. Nele entrou por cabo o capitão Francisco Xavier de Andrade quando subiram as bandeiras, que ele mandou quase 2 meses de viagem. Talvez, se se não tivessem familiarizado tanto com ele, não teriam experimentado ambas as capitânicas os horrorosíssimos estragos que nelas fez a memorável epidemia do chamado sarampo grande: levou-a consigo, mediante o gentio extraído deste rio, o capitão-mor José Miguel Aires, sendo mandado pelo Exmo. Sr. Francisco Pedro Gurjão em 1749 a reconhecer e visitar as fortalezas do Estado. Consta da história deste contágio pela participação segunda da primeira parte do *diário de viagem* desta expedição. Continuaram por este modo a navegá-lo, desfrutando os seus haveres, a saber do cacau, que nascia pelas suas margens, e dos peixes e tartarugas que pescavam no rio. Esta era a posse em que dele se achavam, quando no dia 16 de março de 1775 chegou a esta capital, e nela foi apresentado perante o seu governador, o Sr. Joaquim Tinoco Valente, Gervásio Leclerc, natural do bispado de Liège, que servia à República de Holanda, na mencionada Guiana, estando de guarnição no forte de Essequeibe, e de guarda em um posto do rio do mesmo nome, do qual desertou, e entrando no nosso Rio Branco, conduzido pelos índios paravianas,<sup>4</sup> veio dar a uma feitoria nossa de

<sup>1</sup> Códice 21,2,1 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Também anda escrito que tem mais de 1 boca, mas o que verdadeiramente é tal é a por onde deságua, pouco acima da vila de Moura. Tudo o mais são furos de que até o presente se conhece o de Manaoáú, pouco inferior ao segundo de Anajaú, rio acima, o qual fica fronteiro ao lugar de Carvoeiro.

<sup>3</sup> Acréscimo posterior: “Por ele ... aos holandeses”.

<sup>4</sup> Paraviana é variante do patronímico peravilhana e peravilhano. A primeira é a forma indígena.

pescaria, donde foi transportado para esta vila, tal é a memória que deste sucesso se encontra no *diário* do doutor ouvidor Sampaio,<sup>5</sup> testemunha ocular dele, e pouco depois historiador dos acontecimentos do Rio Branco, que a ele se seguiram, sendo pelo dito desertor informado o governador de que neste rio se achavam situados os espanhóis, e nele pretendiam estabelecer-se e fortificar-se, com ele remeteu à presença de V. Excia. a participação devida. Mereceu a V. Excia. as providências que do seu amor e da sua atividade devia esperar o governo de ambas as capitanias confiando ao seu cuidado. Consistiram 1º [...]<sup>6</sup>

Auxiliado por V. Excia. com o socorro exposto e premunido das instruções que mais necessárias pareceram, tratou o governador de aprontar a tropa e as munições para ela ser devidamente empregada na expulsão dos apoderados, nomeando ao todo 50 praças de que nomeou para comandante o capitão engenheiro Felipe Sturm, a quem acompanhavam o tenente Tomé Ferreira, o ajudante Crispim Lobo, o alferes José Agostinho Diniz, o sargento Francisco Antônio, o furriel Nicolau de Sá Sarmiento e os cabos de esquadra Inácio Cardoso e Antônio de Sousa, os quais todos enchiam o sobredito número de praças. Para nenhuma providência deixar de dar a este respeito, pela repartição das ordens que ao comandante devia distribuir os objetos, particularmente reduziu as que lhe deu em carta de 2 de abril do dito ano de 1775, consistindo: 1º) em desinfestar este rio de todos quantos espanhóis se achassem nele, sem escapar um só; 2º) em fortificá-lo com a maior brevidade, [segurança e economia possível]; 3º) em passar logo em estabelecer as roças precisas para sustento das praças<sup>7</sup> destacadas e 4º) em conciliar a amizade e aliança dos índios naturais. Assim se pode coligir da cópia que se segue.

Sendo informado pelo estrangeiro Gervásio Leclerc, desertor das tropas de Holanda, que no Rio Branco, domínios de Sua Majestade e Imaculadíssimo Soberano, se acham situados um sargento e quinze soldados espanhóis, com algumas demonstrações de estabelecimento e fortificação;

Sendo tudo contra o tratado anulatório dos limites, e o das pazes, que se conservam entre as coroas dos senhores soberanos e contra a devida atenção aos régios respeitos, o que julgo ignorância ou cavilosa idéia dos ditos situados, sem que me possa passar pela imaginação o terem ordens ou determinação alguma para o desigual acometimento, por ser tudo contra o que sempre se praticou entre as régias coroas, quem a verdade se interessam muito na mais atenta política;

E não se tendo até o presente experimentado duvidosa, sou obrigado, como governador dessa Capitania, a [...] projetados, que ele [...], e assim mesmo a conservar sem diminuição [...] um só palmo deste rio e reais domínios d'El Rei Nosso Senhor:

Pelo que ordeno-lhe que, imediatamente acompanhado da mais tropa que tenho mandado prontificar e de que deve ser comandante, passe a explorar aquele rio e, encontrando em qualquer parte dele os referidos espanhóis, sem que fique escapado um só que seja, remetendo a todos, acompanhados de um oficial e uma proporcionada escolta à minha presença e, para maior segurança e cautela, sem que lhe seja permitido aportar em porto algum.

Logo que forem prisionados os referidos, lhes fará Vossa Mercê repor todas as ordens que tiveram, para assim [...], fazendo-lhes uma exata busca de todos os papéis que tiverem, que todos remeterá Vossa Mercê a esta Secretaria sem

<sup>5</sup> Cf. SILVA, José Pereira da. *Diário da viagem da capitania do Rio Negro feita por Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio em 1774/1775*. (Introdução e leitura crítica e notas da versão resumida pelo próprio autor). In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 153 (376):141-156, jul./set. 1992. O texto completo, também pertencente ao acervo da Biblioteca Nacional, está preparado para a edição, aguardando uma oportunidade.

<sup>6</sup> As lacunas e os fragmentos ilegíveis do manuscritos serão sempre indicados por [...].

<sup>7</sup> Hoje, a palavra “praça” é usada principalmente no masculino para significar “soldado da polícia”, admitindo-se o feminino quando se tratar de mulher.



demora, debaixo da maior cautela. Igualmente, serão desguarnecidos de todas e quaisquer armas que tiverem, ou artilharia, e sua pelamenta, ficando Vossa Mercê na posse de tudo, e os referidos desapossados inteiramente, como prisioneiros, remetendo-me uma relação de toda a tomadia que fizer, e assim mais uma exata informação do estabelecimento que tinham feito, práticas e tudo mais que puder alcançar, com a mais clara distinção.

Logo sem demora, empregará Vossa Mercê desvelo em construir uma fortificação proporcionada que, presidiada de uma competente guarnição, possa, não só conter-nos em segurança contra quaisquer desígnios e insultos dos referidos espanhóis e holandeses, mas até dê princípio também à amizade e aliança de todas as nações de índios que habitam as margens e centros daquele rio.

Para a dita fortificação se deve escolher a situação que para ele se julgar mais própria e interessante, considerando [que] essa poderá ser a da junção dos dois rios ou braços, Uraricoera e Tacutu, como mais natural a prevenirmo-nos contra os insultos e intentos de um e outro vizinho, ficando para sempre a fortaleza dominando por toda a parte, e de nenhuma dominada, no que deve haver a maior atenção, como circunstância de que inteiramente depende a sua boa defesa, resumindo-se esta à utilidade da obra pouco dispendiosa e que [...] fortaleza, guarnição, que se lhe determinar, mais presentemente por nos requerermos na nossa posse, e a atalharmos os passos dos vizinhos confinantes, do que por esperarmos e se recear deles alguma invasão; construindo-se dentro da mesma fortaleza os quartéis competentes para os oficiais e soldados que se fizerem precisos à sua guarnição. Logo se cuidará em estabelecimento de roças, para segurar a subsistência do destacamento, e será esta tanto mais fácil, achando-se já feitas entre os índios naturais, e estabelecendo-se a amizade e aliança, em que muito se deve cuidar; para o que é muito importante que os soldados, na demonstração da sua honra e desinteresse, dêem um claro e evidente conhecimento de católicos, lembrando-se de que vão dar princípio a um novo estabelecimento recomendado pelo nosso Amabilíssimo Soberano, a quem serão muito agradáveis todas as ações heróicas que se obrarem, o que espero de todos, ficando à minha conta fazê-lo assim remeter na real presença do mesmo Senhor, para serem premiados como desejo e como merecerem os seus distintos procedimentos...

Quando, porém, acontecer que o sobredito estabelecimento se tenha aumentado com algum novo [...] que sem [...] o nosso [...] se fazer todo prisioneiro. Neste caso, deverá Vossa Mercê intimar aos espanhóis que imediatamente se retirem aos domínios do seu soberano, fazendo-os, com efeito, assim executar à força das armas, se de outro modo se não puder conseguir e os espanhóis insistirem em não abandonar o mesmo estabelecimento, a que injusta e atrevidamente se animaram. E, quando por diverso acaso, que não é a presumir e de esperar, aconteça que ali se encontre um corpo muito superior em número e em forças, que prudentemente se conheça arriscado o projeto de atacar-se. Nestes termos, suspenderá Vossa Mercê a marcha e se entrincheirá na parte mais cômoda e mais vantajosa que assim se reconhecer, dando-me logo parte para o socorrer com mais tropa e gente, a fim de em todo o caso se desalojarem aqueles maus vizinhos e se conservarem deles ilesos os reais domínios do nosso soberano.

Na execução de todo o referido e mais circunstâncias que a ponderação de Vossa Mercê alcançar podem ser a benefício destes ditos reais domínios, espero dar mais uma prova de zelo e atividade, com que sempre se empenhou e empenha no real serviço, para melhor merecer a sua magnanimidade o prêmio com que costuma satisfazer diligências de tanta conseqüência.

No seguinte dia 3, saiu desta vila o comandante, comandando uma esquadra de 15 canoas ligeiras, incluídas nelas as montarias. Dentro em 20 dias de viagem, chegou ao igarapé chamado do Gentio, o qual fica pouco inferior [pela margem oriental do Rio Branco],<sup>8</sup> ao lugar em que está fundada a fortaleza. Dela destacou 30 praças, incluída a do tenente Tomé Ferreira, com ordem de se dirigirem pela terra de nascente até as malocas dos gentios peravilhanos,

<sup>8</sup> Acréscimo posterior: “pela margem oriental do Rio Branco”.



os quais deviam informar do lugar que [...] espanhóis [...] tenente dado por infrutuosa a viagem, por não ter guias, deixou 8 praças, das quais pareceram mais hábeis, incorporando-se o mais corpo que havia ficado no igarapé os 8 exploradores, que seguiram pela terra dentro, tiveram a felicidade de, pelas 10 horas da manhã em que seguiram a sua marcha, descobrirem uma maloca de gentio, com quem falaram. Informou-os da situação em que estavam alojados os espanhóis e nenhuma dúvida puseram em os acompanhar os 2 principais Parimé e Guinari, para servirem de práticos às outras explorações.

Apresentados que foram ao comandante, resolveu-se a subir, como subiu com toda [a] tropa, para uma ponta de terra que fica fronteira ao lugar em que está situada a fortaleza e divide as bocas dos dois rios Tacutu e Uraricoera, onde se alojou e onde destacou o alferes José Agostinho, como [...] de algumas canoas no seguimento do cadete espanhol D. Antonio de la Lopez,<sup>9</sup> do qual tinha informações o gentio, que 8 dias antes [...] subido pelo Tacutu, [...] 27 soldados. Subiu em seu alcance até a foz [...] Surumu, que [...] da sua margem ocidental, e por mais que informava<sup>10</sup> o gentio de que os espanhóis se achavam ainda de viagem, não foi possível deixar de se persuadir o alferes que já então estavam fortificados. Julgou, sobre esta desconfiança, que não era prudência o ir sem sua gente, e voltou a incorporar-se com o comandante. Já então tomou este a resolução de com toda a tropa subir pelo Uraricoera, em demanda do igarapé de Caiá Caiá, o que pôs logo em [...] continuou a aproximar-se a tropa no dia seguinte e, havendo chegado pela tarde a uma ponta, por detrás da qual ficava o presídio, não se dobrou o comandante, achando melhor destacar os 2 soldados Miguel Arcanjo e Duarte José Miguel a tirarem língua dos situados.

Entraram, com efeito, no porto do presídio os 2 soldados, disseram que eram portugueses, que do seu comandante traziam cartas para o sargento [com<sup>a</sup>. por nome João Antônio Coelho],<sup>11</sup> o qual nenhuma dúvida pôs em os fazer entrar [...] de os visitar [...] com eles camaradagem, [...] também a sua [...] o sargento que ali não o podiam [...] mas sim por baixo, donde podiam corresponder(em). [...] manhã seguinte aportou no porto do presídio, onde desembarcou, com toda a sua tropa, sem encontrar a mais leve resistência. Falou com o sargento mui poucas falas e, de muito pouca satisfação a respeito do atrevimento com que se havia portado em se vir situar nas terras de Sua Majestade Fidelíssima, ordenou ao tenente fizesse a sua obrigação de mandar [...] servindo de muralhas as paredes e de canho[n]eira as janelas, em que tinham montados 4 até 5 [...] de ferro. Estava situada duas léguas acima da foz do rio Matacá, que deságua no Uraricoera, [e havia, além dela, 2 casas mais, ambas novas e ambas cobertas de capim e barro, que lhes formavam as coberturas; em uma delas faziam tenção de soerguer sobrado, para nela levantarem a guarita na terra da frente para o rio; até a sua margem estava plantada a sua roça de manibas, embaraçada de pacoveiras; pela retaguarda são as campinas, que neste lugar acabam pelas barradas do rio].<sup>12</sup> Foram apreendido[s] 13 praças da guarnição com as suas armas e munições de guerra, em que entravam 2 barrilotes de pólvora; e o outro, maior, que os espanhóis entregavam como cheio delas, foi visto que estava cheio de giz. A sua fazenda não passando de algumas peças de riscado e ruão de cofre, facas, anzóis, quinquilharias etc. Soube-se que rio acima ficavam situados mais 4 soldados espanhóis, em outra situação denominada Santa Rosa, do que nenhum caso fez por então o comandante, antes mandou voltar água abaixo, satisfeito de sem o jogo das armas haver prisionado os situados e trazê-los consigo para o sobredito igarapé do Gentio, onde havia aportado pela primeira vez que chegou à confluência dos 2 rios. Chegou na tarde de 12 de novembro, expediu para Barcelos no dia seguinte uma canoa de aviso, com as participações e relações, que remeteu [a cargo do soldado José Miguel],<sup>13</sup> e, no dia 20, expediu o

<sup>9</sup> Acréscimo posterior: “D. Antonio López de la Poente”.

<sup>10</sup> Indicativo por subjuntivo (“informava” por “informasse”).

<sup>11</sup> Acréscimo posterior: “com<sup>a</sup>. por nome João Antônio Coelho”.

<sup>12</sup> De “e havia, além dela” até “barradas do rio” é acréscimo posterior.

<sup>13</sup> Acréscimo ao original “a cargo do soldado José Miguel”.



alferes José Agostinho, com o cabo de esquadra Inácio Cardoso, encarregados da segurança e transporte dos prisioneiros. Os sucessos desta diligência não deixam de ser dignos de nota sem insistir nos que os precederam; sucederam outras no ato e depois da execução, que quase obrigam a atribuir a um feliz acaso o bom êxito. Nenhuma providência se deu para serem apreendidos os espanhóis de Santa Rosa, o que muito importava naquela ocasião. A casa do presídio de São João Batista do Caiá-Caiá ficou em pé, como o acharam. Depois de presos os espanhóis, duvidou o comandante se os devia conservar presos e remetê-los para Barcelos ou se devia despedir [...] para os seus domínios. Fundava a sua dúvida no maior número que dizia ele que havia apanhado e que era superior ao que, na conformidade da ordem que tinha, devia prisionar, porque ela rezava de 15 situados, e ao mesmo tempo dizia que havendo maior número, que se não pudesse apreender todo, deviam ser obrigados a retirarem-se, não tendo realmente encontrado o comandante menor número, que o dos 15, porque eram 13, ajuntava com este o outro das 27 praças do comando do cadete D. Antônio, dentro do rio Tacutu, e assim contava as 40 praças, que lhe faziam a dúvida. Vê-se bem que este não era o espírito da ordem, porque ou fossem mais, ou menos, como todos eles pudessem ser prisionados, sem risco nosso algum, é sem dúvida, que assim o devia executar. E tanto o desorientou a dúvida que concebo que chegou a propor ao sargento espanhol se queria voltar para os seus domínios, o que ele só aceitava no caso de se lhe restituir a munição, a fazenda da tomadia, e de se conservar no seu destacamento. Finalmente perdeu-se uma canoa de farinhas, quando desceram de Caiá-Caiá.

Do que tudo mostrou o governador, o seu justo ressentimento na resposta que deu ao comandante, em carta de 4 de dezembro do mesmo ano, que é a seguinte.

A primeira carta, que Vossa Mercê me dirigiu pelo soldado José Miguel, datada de 19 de novembro, e acompanhada da relação da tomadia que se fez aos espanhóis, estabelecidos e fortificados nesse Rio Branco, domínios de El Rei nosso Senhor, e a segunda, dirigida pelo alferes José Agostinho Diniz, também acompanhadas de outras relações, mapa e mais papéis, que se acharam aos ditos espanhóis tudo me deixa ciente do êxito que teve a diligência, de que Vossa Mercê encarreguei, devendo Vossa Mercê ficar na certeza de que tudo o referido foi entregue nesta secretaria, e que assim mesmo passa à presença do Exmo. Sr. General, junto com os presos, sendo fiel condutor o dito alferes e o cabo Inácio Cardoso, que deverão ser responsáveis na presença do mesmo senhor.

A perda da canoa, farinha e o mais que padeceu naufrágio, não é muito agradável, pelo que Vossa Mercê sempre deve ter vigilante cuidado, não obrigando as canoas a viajarem por onde o não podem fazer, ficando estas com suas competentes escoltas, e conseguindo as diligências, com [...] – (canoas (?), mais pequenas, digo, ligeiras, tudo à proporção que permitirem os rios, porque tudo se deve executar nos termos hábeis, não facilitando as diligências sem as ponderações, para se vencerem mais suaves, convenientes e lustrosas; sendo certo que, faltando estes requisitos, mais se atribuem à temeridade, que a acerto. Deste se tira o proveito que o discurso administra, e daquela, o que consequentemente lhe é permissível, que quase sempre é a perda, a ruína e o deslustre.

Não deverá Vossa Mercê prosseguir os passos dos espanhóis, que entraram pela boca do Tacutu; deverá, sim, tomar a dita boca com as possíveis forças, fortificando-se, para na saída, quando torn[ar]em, lhes embarçar os passos e prisioná-los; ficando por este modo aproveitando-se do tempo e do descanso, para com maior discurso ponderar as mais sérias reflexões, dignas de repelir os intentos daqueles.

Também não posso deixar de ignorar a Vossa Mercê o não fazer apreensão nos 4 soldados espanhóis, que se acham estabelecidos na povoação de Santa Rosa; sendo certo que aquele sítio contém o mesmo assunto que esse a que Vossa Mercê direto foi dirigido, porque o mesmo atrevimento que se me encontrou nos que aí se estabeleceram se encontra naqueles e devem perceber o mesmo castigo, sem lhes dar tempo a que eles possam passar os avisos que nos não serão muito úteis.



Em toda esta prevenção, deverá Vossa Mercê refletir para distribuir a competente tropa nas mais ligeiras canoas, e sem perda de tempo a fazer prisionar os referidos, porque o número da dita que a Vossa Mercê prontifiquei para tudo é muito bastante, à vista das forças que sou informado terem aqueles perseguidores e Vossa Mercê também o confirma. Pelo que é muito importante desalojar e prisionar os referidos e remetê-los à minha presença, por não serem ali convenientes, proporcionando, como acima digo, a tropa para uma e outra cousa, porque mais vence a boa idéia que a muita chusma. A esta diligência me parece será conveniente marchar o tenente Tomé Ferreira e o sargento Nicolau Sarmiento com 12-15 soldados, além dos índios, que devem ser dos melhores e mais práticos e se puderem ser acompanhados de alguns principais gentios, a quem eles temem, não será menos acertado; ficando Vossa Mercê e o resto sempre no firmamento do sítio da fortaleza projetada para sem descuido algum a conseguir e para esperar os exploradores do Rio Tacutu e dos mais que atrevidamente procuram apossar-se dos reais domínios do nosso amabilíssimo soberano, fazendo, aliás, em todos apreensão e remetendo prisioneiros pelo possível modo, o que a Vossa Mercê muito recomendo.

Também sou informado de que Vossa Mercê dava a liberdade aos espanhóis, que achou nesse sítio, para se recolherem aos domínios do seu soberano, o que me fez aturdir, e me deixa persuadido que Vossa Mercê se esqueceu de se ratificar nas minhas ordens, com o que não só me deixaria bem desgostado e aniquilado; porém foi Deus servido acudir-me, e a Vossa Mercê principalmente, que, infalível, se perdia; pelo que é muito importante que Vossa Mercê as não perca de vista, e que na execução delas haja a maior vigilância.

Tudo o que contém a relação da tomadia se deve conservar sem diminuição alguma, até resolução do Exmo. Sr. General, a que foi remetida, e assim mesmo se deve executar com todas as mais que se fizerem, não permitindo que se possam fazer compras, vendas ou dádivas de cousa alguma, e menos de armas, ainda da mais inútil faca, sendo Vossa Mercê por tudo responsável na presença do mesmo Senhor, indubitavelmente.

A resposta que acabo de transcrever não bastou para remover a dúvida do comandante a respeito de ter ele toda a razão de duvidar, conservar e remeter presos os espanhóis apreendidos. Assim o significou ao próprio governador, em carta de 2 de janeiro de 1776, que lhe dirigiu em demonstração de seu sentimento, obrigando-o a responder-lhe a este respeito, pelo modo que consta na carta de 18 de janeiro, que dizia assim:

A carta de Vossa Mercê [sem data],<sup>14</sup> em que mostra o seu sentimento questionando ao mesmo tempo sobre a das minhas ordens, me dá completo conhecimento de que inteiramente se tem entendido pelo contrário, percebendo-se por diverso modo, todo mui diferente ao ordenado, porém, como ficasse a cópia nesta secretaria, a todo o tempo mostrará as diferenças da inteligência de Vossa Mercê com a realidade da escrita, que deverá ser mais bem entendida, refletindo na leitura para se executar com a devida formalidade. Manda a dita carta primeiramente prisionar o pequeno número de 15 espanhóis que se achavam estabelecidos nesse rio do real domínio de Sua Majestade Fidelíssima, sendo indubitável o remetê-los, sem que escapasse um só, se possível fosse, a esta capital. Em segundo lugar, que quando porém acontecesse, que o sobredito estabelecimento se tivesse aumentado com algum socorro, que, sem ser corpo superior ao nosso, dificultasse todavia o intento de se fazer todo prisioneiro; neste caso, deveria Vossa Mercê intimar ao comandante dos espanhóis que imediatamente se retirasse aos domínios do seu soberano, fazendo-o com efeito assim executar à força de armas, se de outro modo se não pudesse conseguir, e os tais espanhóis insistissem em não abandonarem o mesmo estabelecimento, a que injusta e atrevidamente se animaram. Em terceiro lugar, que quando por diverso acaso, que não era a presumir e a esperar acontecesse que ali se encontrasse com um corpo muito superior em número e em

<sup>14</sup> Acréscimo posterior: “sem data”, que demonstra a pressa com que foi respondida, sem a leitura completa do texto, que traz a data noutra lauda, como se vê mais adiante.



força, que prudentemente se conhecesse arriscado o projeto de atacar-se, nestes termos suspenderia Vossa Mercê a marcha e se entrincheiraria na parte mais cômoda e vantajosa que assim se reconhecesse, dando-me logo parte para o socorrer [...]. Pois se Vossa Mercê não só experimentou que ainda achava menos número de que o dito de 15, como lhes cometia o partido de se recolherem aos domínios do seu soberano, quando era obrigado a prisionar e remeter como faz porque os ditos se não quiseram retirar, que Deus acudiu a Vossa Mercê, a mim e a todos ao mesmo tempo, que o projeto era que não escapasse um só, a fim de não levar as notícias, a quem nos não convinha e também não era desacertado que aos poucos índios que os acompanhavam lhes sucedesse o mesmo, abandonando inteiramente aquele sítio com o que não passariam as notícias que passaram ao cadete, sendo todas as cautelas e prevenções muito importantes.

O indulto de que Vossa Mercê me quer valer, havendo memória [...] o dito cadete [...] com o de 13 para [...] número de 40, é menos bem fundado por ser corpo separado um do outro, porque também não excedia as forças de Vossa Mercê para o temer e muito menos quando já se via na posse dos 13 com o que se lhe devia aumentar o ânimo para repelir aos mais, que na verdade ainda todos eles juntos, e permita-me que diga tudo, dobrados que fossem, não podiam jogar com as forças de Vossa Mercê, à vista do fornecimento de socorros de parte a parte e da certeza de os esperar com a brevidade que para aqueles se fazia impossível...

Pelo que respeita a buscar o cadete onde está para o prisionar e os mais companheiros, vai respondido em outra, com as reflexões que posso ponderar, porém sempre advirto a Vossa Mercê que passar à Espanha pelos domínios do nosso soberano, de nenhuma sorte o permita, e menos que lhe passem quaisquer socorros, devendo Vossa Mercê embaraçar tudo, prisionando, tomando e remetendo a esta capital, se possível for, ou ficando a tomadia nessa fortaleza. [...] Tenho por esta forma respondido à carta de Vossa Mercê, que agora reflete ser datada de 2 do corrente, por trazer esta dita data em lauda diferente.

Volto aos progressos da diligência depois de recolhido o comandante ao igarapé do Gentio, donde expediu os prisioneiros para esta capital. Destacou imediatamente os 2 soldados Miguel Arcanjo e Duarte José Miguel com os índios práticos e línguas precisos para o bom êxito da diligência, de que os encarregou. Ordenou-lhes que se dirigissem para as terras dos gentios peravilhanas e que com eles praticassem e os reduzissem a descerem para as margens do rio, aldearem-se nelas e, por este modo, viverem seguros dos seus inimigos, abrigados debaixo das nossas armas. No entanto que eles partiram subiu toda a tropa para o lugar em que está situada a fortaleza, que foi o que afinal se escolheu depois dos exames e reconhecimentos que se fizeram. Nenhum outro havia parecido ao comandante tão próprio para elas como a ponta de terra que divide as bocas dos 2 rios, porque só ela enchia realmente as suas vistas. Reconheceu, porém, que, na enchente do rio, se alagava de modo que ficava, como ainda hoje fica no fundo, não tendo ele, aliás, ordem para empreender obra alguma dispendiosa. Por outra parte, o que se lhe havia ordenado a respeito do cadete espanhol era que o esperasse na foz do Tacutu, por onde havia subido, tratando de se fortificar o mais breve que lhe fosse possível, debaixo, porém, da condição de ficar a fortaleza situada de modo que sempre dominasse por toda a parte e por nenhuma fosse dominada. Escolheu para a sua fundação um lugar que, sendo o mais próprio que se pôde descobrir na margem oriental da foz do rio Tacutu, não foi, contudo, o de que devia lançar mão para ela, e isto pelas razões seguintes:

Primeira: porque suposto não vai ao fundo na enchente, como sucede à dita ponta da terra intermédia que ele reconheceu, chega todavia a alagar-se de modo que pelo cano dirigido à porta da fortaleza sobe a água para dentro dela apenas sobressai um curto e estreito lombro de terra, sobre o qual estão alguns quartos particulares, cujos pavimentos se escavam e arruinam anualmente, mais e menos, tendo chegado a haver ocasião de enchente tal que do seu quartel saiu o principal em canoa para entrar para a fortaleza onde dava água pelo meio da perna.

Segunda: porque ainda que verdadeiramente a não dominam pela parte do campo, atrás dos oiteiros fica, todavia, contornada de maiores e menores elevações de terra, quando se dão para de algum modo cobrir os aproches do inimigo





e das ditas elevações escorrem as águas do inverno para o campo inferior e adjacente à fortaleza, vindo ela a ficar isolada entre os pantanais da parte do campo e o rio que chega a imbricar com a terra que lhe serve de fundamento e a entrar por ela dentro.

Terceira: porque na distância em que fica a margem oriental do Tacutu e a ocidental do Uraricoera, cujas bocas é tão desembaraçado o ponto de vista e o perfeito descobrimento da margem oposta, que não a encubra em alguma parte a sobredita ponta de terra, que medeia entre as duas bocas, de modo que sendo ali a maior distância que se mede da fortaleza à margem ocidental do Uraricoera, é também onde fica encoberta não pequena parte dela. [De noite, seguramente, poderão escapar pela margem as canoas que descerem pelo Uraricoera, encostadas à terra, sem serem persentidas da sentinela. Tanto conheceram isto que, na ponta de terra, se levantaram uma guarita para as sentinelas noturnas].<sup>15</sup>

Acrescem algumas outras razões de economia, porque suposto que nas pequenas ilhas da dita campina se tenha plantado o milho e o feijão, culturas são estas que se não podem fazer em grande, debaixo da vista do comandante, por se não estender muito o terreno, nem por outra parte ser susceptível de sucessivos roçados para a maniba. Enfim, ainda no caso de precisão, se não podem levantar no sítio da fortaleza muitas mais casas, do que as 4 que tem, incluído o quartel de fora, porque para mais não chega o lombo de terra que se não alaga.

Não sei o porquê se não escolheu o sítio que existe na margem ocidental do Uraricoera, pouco abaixo do ponto em que na margem oposta lhe corresponde o da fortaleza. Nele se coangusta o rio em menor distância, nele se levanta a margem de modo que nunca alaga, com a vantagem de ser guarnecida de pedra, nele se encontram os que sobem e entram para qualquer dos 2 rios, porque domina ambas as suas bocas, nele teve roças o mesmo capitão Sturm, dentro do igarapé que corre para dentro e nele se queria situar agora o principal Pixaú, quando desceu.

Abriram-se prontamente os alicerces da fortaleza porque na volta que fizeram os 2 soldados, expedidos para praticarem o gentio, passados 15 dias de ida e vinda, puderam achá-los os principiaidos. Trouxeram bastante gentio, e entre eles vieram 3 principais, uns e outros no desígnio de verem o comandante, com quem ajustaram de voltarem logo a estabelecerem-se. Trabalhava-se com o calor possível, quando no 4 [de dezembro]<sup>16</sup> se apresentaram ao comandante 6 espanhóis desertores, da guarnição do cadete, explorador do Tacutu, e que na ocasião em que fizeram, serviu de muito. Informam-nos da situação e do estado em que o haviam deixado, do número da sua guarnição e das forças dela, dos passos que tinham dado, práticas que haviam feito e sucessos que haviam experimentado de roubos e encontros do gentio; e com as suas informações abriram campo dilatado para as medidas que se deviam tomar a respeito da sua apreensão. Disto é que deu parte em carta de 28 de dezembro, na qual lhe pedia o número de 60 praças para a guarnição do rio Tacutu [e Branco]<sup>17</sup> ao que ele respondeu o que consta na cópia da carta de 17 de janeiro do seguinte ano de 1776: “os seis desertores espanhóis, que chegaram a essa fortaleza a 4 de dezembro, sendo da guarnição do cadete, dão uma inteira prova do bom ânimo com que servem com aquele comandante e quase uma certeza da sua ruína...”

A guarnição de 60 homens para esse rio e o do Tacutu se ver desinfectado de todos os espanhóis e mais nações, ficando ao mesmo tempo povoado de numerosas povoações, respondo que ao número com Vossa Mercê se acha só lhe faltam 9 praças para a conta que pede e que eu não posso adiantar mais, sem as ordens do Exmo. Sr. General...

Também devo dizer a Vossa Mercê que à vista do pequeno número de tropa que tem o dito cadete, vendo-se a Vossa Mercê fornecido com quase duas partes mais, não sei que tenha que temer; e muito mais quanto fortificado e com as notícias acima declaradas, sendo também as dificuldades que me representa para ser socorrido do Orenoco de não pequeno objeto a nosso favor; e, sobretudo na boa distribuição, no bom valor e na constância da honra consiste o vencimento de tudo, lembrando-se Vossa Mercê daquele grande herói, o Exmo. Sr. Conde de Azambuja, que, achando-se com o

<sup>15</sup> Acréscimo posterior: “De noite, seguramente... sentinelas noturnas”.

<sup>16</sup> Acréscimo posterior: “de dezembro”.

<sup>17</sup> Acréscimo posterior: “e Branco”.





número de 25 homens, defendeu o Estado de Mato Grosso, protestando que tinha poder com aqueles 25 soldados para reprimir as forças de vinte e cinco mil, como na verdade o fez, destruindo e intimidando a todo o inimigo, até desamparar ainda o que lhe pertencia, ação que a todos nós deve servir de memória, para merecermos outro igual louvor.

Instavam com o comandante os gentios que expulsasse o cadete dos seus rios, porque nenhuma amizade queriam com ele, o que bem o tenham verificado com os roubos que lhe fizeram, até chegaram a desconfiar se, para a sua irresolução em não o mandar seguir, concorria o medo. Foi então expedido em uma montaria de 5 índios o soldado Miguel Arcanjo, na diligência de o encontrar e praticar com ele o que se passou. Encontrou-o pouco acima da foz do Rio Surumu, que deságua no Tacutu pela sua margem ocidental, na distância de menos de dia e meio de viagem, uma ubá com 3 soldados e 1 cabo espanhol, todos tintos de urucu à maneira dos gentios. Assim se disfarçavam para os surpreenderem. Visto o nosso soldado, fizeram sinal ao cadete, que navegava mais atrasado, com 4 tiros que dispararam, e encostaram à praia. Aproximou-se o dito na sua ubá, que eram maior, e se distinguiu com as insígnias de bandeira e flâmula larga. Reconheceu o nosso soldado e, encostando à praia, montou nela as pedreiras que levava e dispôs as 20 praças que o acompanhavam em 4 ubás. Dirigiu-se então armado para o dito soldado, perguntando-lhe de longe de que nação era e o que queria por aqueles distritos de Sua Majestade Católica. Respondeu-lhe o soldado que, sendo, aliás, de Sua Majestade Fidelíssima e, sabendo-se que por ela se adiantava o dito cadete, a ele era mandado pelo seu comandante, que era o da fortaleza da boca do Tacutu, para o conduzir à sua presença e nela apresentar o passaporte que trazia. Como ouviu falar em fortaleza e ele a não tinha visto quando subiu, estanhou as novidades que ouvia do soldado e, passando a certificar a fé em que estava de serem domínios aqueles da devoção de Espanha, na conformidade da ordem que do seu governador D. Manuel Centurião [Guerreiro]<sup>18</sup> havia recebido, passou a mostrar o passaporte. Por ele constava de ser mandado ao Rio Parima em descobrimento (diziam eles) de *la laguna e Cierro del Dorado*, ordenando-lhe que pelas suas margens estabelecesse povoações de índios, e de nenhuma ofensa fazerem ou aos portugueses que viviam no Amazonas, ou aos holandeses do Esquivo [e Suriname],<sup>19</sup> ou aos franceses de Caiena, só no caso de os perseguirem. No que disse o soldado que à vista do passaporte lhe parecia que estava ele cadete bem fora dos termos de ser retido pelo comandante e este parecer lhe não agradou. Conferiu, contudo, com o segundo comandante da sua esquadra, D. Roldão, se devia descer a apresentar-se ou não e por mais que o dito segundo dissuadiu disso ao primeiro, aconselhando-o antes que prisionasse o soldado e que, por terra, se retirassem para os seus domínios, visto estar defendida a boca do rio, não o conseguiu do cadete. Desceu, com efeito, depois de haver passado as suas ordens à esquadra, que o acompanhava até pouco abaixo do lugar em que esteve situada a povoação de São Filipe e, separando-se dela com as instruções de esperar os seus avisos, apresentou-se ao comandante. Já então estava levantada boa parte da muralha da fortaleza da parte do rio, do que muito se admirou.

Foi recebido entre as alas da tropa, que estava postada no porto e cometida ao cuidado do tenente Tomé Ferreira, enquanto, por moléstia que tinha, o comandante lhe não podia diferir. Mandou-lhe, contudo, dizer o comandante que bem podia fazer chegar a sua tropa para descansar. De nada desconfiou o dito cadete: passou a fazer um aviso ao segundo comandante que podia descer porque não havia novidade. Desceu a esquadra com bandeira larga, ao passar por defronte da fortaleza a salvou, recebeu a salva a fortaleza também com bandeira e, havendo os espanhóis descarregado as armas, lhes não consentiu o mesmo soldado Miguel Arcanjo seu condutor que tornasse a carregá-las, dizendo-lhe que não [o] podiam fazer debaixo das nossas bandeiras. Foi recolhida a tropa a um quartel. Defronte da sua porta se montou, voltada para ela, uma peça, e ficaram presos. Vieram remetidos para esta vila a cargo do tenente Tomé Ferreira, acompanhado de 10 praças.<sup>20</sup>

<sup>18</sup> Em nota marginal se completou “Centurião Guerreiro”.

<sup>19</sup> Acréscimo posterior “e Suriname”.

<sup>20</sup> Nota do códice: “Segue-se o § X, que vai adiante, e não o que principia. Concluída...”.



§ X Não sei quem a este respeito se movesse para o diante passo algum notável no comando do capitão engenheiro: os trabalhos da expedição, o que foi e a da construção da fortaleza acrescentaram muito às moléstias que padecia. Talvez que também alguns desgostos o mortificaram e, já quase desfalecido de forças, se retirou a curar-se nesta capital. Por ocasião da dita moléstia, passou o governador a nomear em comandante da fortaleza o tenente Tomé Ferreira, por carta de 24 de fevereiro de 1776. Nela lhe recomendou sumariamente tudo quanto havia ordenado ao primeiro comandante, empenhando-se particularmente em persuadir-lhe a amizade que devia ter com os gentios, chamando-os à nossa devoção e participando-lhes os novos acontecimentos a favor deles obrados naquele rio. O mesmo consta que fizera pela outra carta de 1º de abril, recomendando-lhe o cuidado com que devia prevenir e por nenhum modo desprezar as novidades dos movimentos espanhóis de que a ele, comandante, havia avisado o principal Capicari, que habitava em Santa Rosa. Quis, contudo, segurar melhor as suas vistas, reforçando o corpo da guarnição de mais oficiais e soldados. Neste desígnio, nomeou para comandante da fortaleza o capitão Felipe da Costa Teixeira, por carta de 30 de abril, e este ficou sendo o terceiro comandante. Deu logo parte da diferença que achara nos desenhos do capitão Sturm, quando da construção da fortaleza, passando a queixar-se da falta de roças e dando parte da deserção dos índios espanhóis que ali se achavam estabelecidos. De que tudo mostrou o governador o seu desgosto, respondendo-lhe em carta de 26 de junho, que muito pouco gosto que lhe eram as notícias da falta das roças, tendo sido objeto aquele de suas repetidas recomendações, assim como a deserção dos índios pelas notícias que podiam passar aos espanhóis, escrevendo-lhes assim a respeito da fortaleza.

A diferença que Vossa Mercê encontra nos desenhos do capitão engenheiro Felipe Sturm, ele próprio, ainda apesar da sua moléstia, se põe em viagem a desfazer a dúvida que a Vossa Mercê se oferece constituir, digo, e instruir a todos no mais que se deve executar, que como professor só a ele pertence o desempenho de tão importante e delicada matéria, sendo na verdade essa ação, neste oficial, digna não só de memória, mas de exemplo para todos os vassallos de Sua Majestade, porque estando como nele se vê mais para cuidar na sua salvação que para diligências, a força da sua honra e da sua lealdade lhe comunicam espíritos os mais valorosos para acudir às precisões do seu soberano, até expirar por ele o último alento da sua vida.

Tinha Vossa Excelência por este tempo repetido ao governador as suas recomendações a respeito dos espanhóis de Santa Rosa, e ele, que não esquecia do seu dever, assim o ordenou em carta de 28 de junho para o mesmo comandante:

*Em carta de 13 de maio do corrente me adverte o Ilmo e Exmo. Sr. General quanto é útil e indispensável o desfazer-se o estabelecimento de Santa Rosa, e quanto antes possível for, a cujo fim tenho eu dado insinuações, e o que se me tem respondido que o tempo não permitia a pronta navegação... Julgando, porém, a precisão de se fazer e o rio em estado de se conseguir a dita diligência, eu a recomendo a Vossa Mercê na conformidade que o mesmo Senhor me adverte, quanto antes possível for... para cujo fim mando remeter nesta conjuntura mais 4 peças de artilharia e seus pertences... e Vossa Mercê vigiará muito na boa conservação de tudo, porque, além do custo, há muito diminuto remédio para suprir a tantas faltas quantas se experimentam, sendo por esta razão forçoso ao Exmo. Sr. General desguarnecer alguns dos navios da frota para satisfazer às minhas súplicas.*

*Nenhuma novidade encontro neste intervalo de tempo mais do que a de ser restituído àquela comandância o capitão Felipe Sturm, por ocasião da sua melhora. Consta da carta de 5 de setembro dirigida pelo governador ao capitão Felipe da Costa, ordenando-lhe ao dito capitão engenheiro, entregasse o governo da fortaleza, ficando ele somente com o comando da tropa.<sup>21</sup>*

<sup>21</sup> Nota do códice: “Segue-se o § que principia “Concluídas...” até outro que acaba “... para o que devemos deliberar”. A inserção deste longo trecho antes do referido ponto é como consta no códice 21,2,1 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, base para esta edição.



Concluída a diligência do cadete, apreciou o comandante em menos a outra de Santa Rosa; julgava sobretudo necessário construir a fortaleza e tudo o que não era concluí-la, lhe não mereceria o primeiro cuidado. Assim o tinha significado ao governador em cartas de 21 de agosto do dito ano de 76, [quando veio remover as dúvidas da construção no tempo da sua ausência,]<sup>22</sup> queixando-se do pouco avanço que via que levava a fortificação do seu desenho. A ela respondeu o governador em carta de setembro:

Acusando recebidas duas de Vossa Mercê, de 21 de agosto, fico na inteligência do pouco aumento dessa fortaleza, o que me não admira pelo diminuto tempo; tendo também a lembrança de que outras de mais de 10 anos nunca passaram de projetadas...

A expedição para prisionar e desalojar os espanhóis situados em Santa Rosa, destruindo-lhe e arrasando-lhe tudo quanto naquele sítio tiverem, parecendo a Vossa Mercê de menor entidade que a construção da fortaleza é de tanta consequência, além de me ser repetidas vezes ordenada pelo Exmo. Sr. General, como Vossa Mercê não imagina e, se vigiasse sobre as minhas ordens quanto deve, acharia que o 1º projeto se fundava em prisionar e desalojar todos e quaisquer espanhóis que se encontrassem e se achassem situados nesse rio, domínios de El-Rei nosso Senhor; o segundo, a fortificação que possível se pudesse construir com a maior brevidade para a defesa dessa tropa. À vista do que, tomando Vossa Mercê as completas medidas, não ignoraria o que me representa: devendo ficar na inteligência de que o mais agradável de tudo é desinfestar inteiramente esse rio de espanhóis, como muito me recomendam todas as ordens do Exmo. Sr. General, próximas e antigas de Sua Majestade.

Divulgaram-se, entretanto, umas notícias tais de Santa Rosa, e tão pouco favoráveis aos nossos interesses que, para reconhecer a realidade delas, destacou o comandante da fortaleza ao capitão Felipe da Costa Teixeira, que era o comandante da tropa, o que muito estanhou o governador na outra carta de 18 de dezembro do dito ano, escrevendo-lhe do modo seguinte:

*As notícias de Santa Rosa foram menos verdadeiras, o que eu sempre entendi, e o mandar Vossa Mercê o capitão comandante desse destacamento à suposta diligência foi incúria, devendo Vossa Mercê entender que o dito é responsável do seu partido quanto Vossa Mercê do general; e que sendo assim encarregado, só a mim me pertence o deliberar, não a Vossa Mercê, excetuando em caso de tanta necessidade que assim o obrigasse, o que não sucedia no suposto que para o reconhecer bastava qualquer oficial inferior.*

Já em outra carta de 21 de setembro do dito ano, tinha o governador antecipado a notícia de que a esta capital havia descido o capitão espanhol D. Antônio Barreto, encarregado pelo seu governador, D. Manoel Centurião Guerreiro de Torres, de em mão própria entregar uma carta e de pessoalmente tratar várias matérias, respectivas à diligência executada naquele rio. E com esta prevenção se achava o comandante, quando recebeu a carta, que a este respeito lhe dirigiu o comandante espanhol Vicente Dias da Fonte, datada de 29 de janeiro de 1777, e dizia assim [e traduzida, como a achei]:<sup>23</sup>

Por me achar bastante confundido, por ser ciente de que a expedição comandada pelo alferes de infantaria, D. Antonio Lopes de la Poente (cadete que era naquele tempo), foi prisioneiro de guerra no rio Maú por Vossa Mercê, e como também o destacamento que ocupava o posto de São João Batista, distrito do Rio Parima, comandada pelo sargento de granadeira João Antônio Coelho ter sido surpreendido e conduzido pela sua tropa na mesma forma à vila de Barcelos, ou o Grão-Pará, e, ignorando [que] causas poderiam haver para semelhantes procedimentos, pois nem ainda em guerra declarada se usam tais termos, muito maiormente em tropa de duas coroas que mantêm a paz, como

<sup>22</sup> Acréscimo: “quando veio... sua ausência,”

<sup>23</sup> Acréscimo: “e traduzida, como achei”.



são as dos reis, o Sr. D. Carlos III, que Deus guarde, e Sua Majestade Fidelíssima, e sendo os expressados países em territórios pertencentes à monarquia espanhola, segundo tratados solenes, menos compreendo os fundamentos formais que hajam para o exposto, sem se atenderem as inúmeras conseqüências que se têm originado, como é a sublevação geral de 5 povos de índios que estavam principiando a estabelecer-se nos rios Paraná, Parabamusi, Curaricoara, tendo nós perdido nela alguma tropa e tudo quanto até o presente tinha trabalhado, conseqüente à comissão de que me acho encarregado e as que podem resultar com estes princípios. Em cujos termos, em nome do soberano, faço a Vossa Mercê responsável de todo o referido e juntamente intimo a Vossa Mercê que despeje logo os postos que ocupa da boca do dito rio Maú e Parima arriba, [...] reconduzindo outra vez a seus postos a tropa espanhola que os guarnecia e juntamente entregando ao alferes Antonio Lopes de la Poente, como ao sargento João Antônio Coelho, quanto tinham a seu cargo, tanto de armas como de munições de guerra, ordens, e os mais pertences, devendo Vossa Mercê retirar-se com a tropa, e o mais do seu mando, aos estabelecimentos que lhe pertencem, sem pretender coisa alguma da dita boca do Maú e Parima arriba, pois a divisão das duas coroas é da mencionada boca do Parima abaixo, com 25 ou 30 léguas de distância, segundo a instrução das ordens com que me acho do meu comandante general, D. Manuel Centurião.

A resposta que em carta de 1º de março do dito ano lhe mandou o comandante foi concebida e expressada nos seguintes termos:

Tendo visto as ponderações que Vossa Mercê se dignou dirigir-me na data de 29 de janeiro do corrente, respectivas às diligências que de ordem do meu governador executei nos distritos do Rio Branco, sendo na realidade domínios de El-Rei meu Senhor, só posso responder a Vossa Mercê que, sendo eu subordinado, como sou, me não pertence definir as questões que Vossa Mercê pretende, porque só o pode fazer quem me governa. E como tenho a certeza de que o meu governador já respondeu sobre o ponderado ao Sr. D. Manoel Centurião, governador de Vossa Mercê, e novamente o fará como duplicado e que de tudo tem dado conta à corte de Lisboa para dali passar à da Espanha, onde se devem resolver as coisas como mais prudentes parecerem, parece-me serem supérfluas as diligências de Vossa Mercê, porque nem a Vossa Mercê nem a mim pertence a definição, tendo de se resolver pelas reais potências fidelíssima e católica, ficando Vossa Mercê e eu contendo-nos nos limites da boa paz, até chegarem as respeitáveis ordens, para o que devemos deliberar.

Dela não resultou rompimento algum até a última diligência que mandou fazer a Santa Rosa, reconheceu-se afinal que não existiam lá os espanhóis, o comandante passou a aplicar-se ao complemento da fortaleza e trabalhando nela, não já com as forças corporais, porque as não tinha, mas com a atividade do seu espírito, sucumbiu ao peso dos seus trabalhos e das suas enfermidades. [Deixou estabelecidas as 6 povoações que praticou gentio: a do Carmo, Santa Isabel e Santa Bárbara, que ficaram para baixo da fortaleza, e a de São Felipe, do Rio Tacutu, e as 2 de Santo Antônio e Almas, e a Conceição, no Uraricoera, as que situou para cima dela].<sup>24</sup> Faleceu em setembro de 1778 e jaz sepultado fora da fortaleza, no chão que serve de cemitério, onde ele mesmo havia projetado levantar a capela que desenhou. Do seu falecimento deu parte ao governador o capitão Henrique José de Vasconcelos, em carta de 11 do dito mês e, na resposta de 26 do mesmo mês, foi encarregado do comando. Este foi o 3º comandante. Exercitou o seu emprego sem novidade notável até 19 de maio de 1779, em que se apresentou o tenente Pedro Maciel Parente, encarregado do comando por carta do governador de 20 de abril do mesmo ano, expedida ao capitão. Este não melhorou em cousa alguma os estabelecimentos agrônômicos [antes

<sup>24</sup> Acréscimo posterior: "Deixou estabelecidas ... para cima dela".



por seus progressos principiam a encontrar os obstáculos que lhe opõe a variada deserção praticada pelos moradores de São Felipe, como adiante constam],<sup>25</sup> pouco se havia cuidado das roças com relação ao sustento da guarnição e estas haviam sido as recomendações do governador, que jamais se executaram. Subiu a tal ponto o grande descuido que, havendo V. Excia. chegado a esta capital para nela dar princípio à execução do tratado preliminar de limites, e não achando meios de facilitar as provisões de farinhas para a expedição das diligências, julgou necessário prevenir os progressos de mais ulteriores omissões, em carta que lhe expediu na data de 13 de novembro de 1780:

Chegando a esta vila em 17 do mês próximo passado, com grande admiração minha me foi notório que o estabelecimento dessas povoações há uns poucos anos fundadas, não só deixara de produzir ainda a maior porção de mantimentos com que devera socorrer e assistir a esta capital, mas que dela se estavam remetendo até as farinhas precisas para a subsistência desse destacamento. E deixando-me assim persuadir da negligência e falta de zelo com que aí se têm portado todos os comandantes dessa fronteira, a Vossa Mercê, do tempo que lhe respeita, vou estranhar muito uma tão culpável e escandalosa omissão; e o advirto de emendar o seu descuido em objeto de tanta importância, pois de que servem tais povoações, tendo gente e fazendo à fazenda real tão acrescidas despesas, e sem nada darem de utilidade e pelo menos a capital desobrigarem das referidas tão pesadas, como escandalosas assistências, e ainda, por fim, pondo-se as mesmas povoações na ordem e retiro de uma grande parte dos seus habitantes, que com muito desprazer meu me é ignominiosamente constante e manifesto.

Assim corriam as coisas deste rio até o mês de abril de 1780, quando uma nova revolução principiou a perturbar a paz e o estabelecimento das povoações dele. Escandalizou-se o índio Roque, o qual servia de língua para as dependências dos gentios, de o admoestar o padre Frei José de Santo Antônio a separar-se da concubina que tinha na povoação de São Felipe [onde vivia, sendo ele casado na do Carvoeiro, donde era natural ou onde pertencia].<sup>26</sup> Resultou do seu desgosto passar a induzir o principal Cupitá e os mais índios para fugirem, fazendo-lhes dali por diante más práticas a nosso respeito e todas próprias a concitar contra nós o ódio e a aversão do gentio, de cujas práticas e resoluções em que elas se deslizaram e se fizeram patentes não se descuidaram tanto o padre, que então residia em São Felipe, como o soldado Duarte José Migueins, que servia de diretor de avisarem ao comandante para as atalhar, como parecesse possível. Sucedeu que por esse mesmo tempo saiu da dita povoação o sobredito principal Cupitá, no desígnio de [passar ao Uraricoera e da outra povoação de Santo Antônio e Almas conduzir para a sua]<sup>27</sup> a conduzir uns parentes seus e mais gentios e, passando pela fortaleza, tanto à saída com à [margem da entrada do rio, quando voltou] do rio, nenhum caso fez do comandante, ostentando a seu modo a independência em que se considerava a respeito das suas ordens. Mandou-o chamar o comandante, não só para o repreender da muita liberdade que se arrogava, mas também para dele conhecer os motivos e os progressos da revolução que em todos eles se notava. Respondeu que nada tinha que fazer na fortaleza, onde se lhe não dava que vestir, e que ele só ia aonde o beneficiavam. Não pôde então conter-se o comandante que o não mandasse prender pelo furriel Francisco Xavier de Siqueira, acompanhado de 4 soldados. Da má execução que a esta ordem deu o dito furriel, se originou toda a mais desordem, porque sendo advertido pelo soldado diretor, logo que chegou à povoação, da moderação e disfarce com que se devia portar, para não sair frustrada a diligência em sendo pressentida com tanta imprudência e desacordo, a empreendeu [correndo ele e os mais soldados em

<sup>25</sup> Acréscimo posterior: “antes por... como adiante constam”.

<sup>26</sup> Acréscimo posterior: “onde vivia,... onde pertencia”.

<sup>27</sup> Acréscimo posterior: “passar ao... para a sua”, seguido de um fragmento que foi rasurado.



debandada a cercar a casa do principal]<sup>28</sup> que, não podendo prender o principal, porque foi logo avisado que o procuravam, prendeu o pai dele, o que deu motivo a sublevar-se o gentio, de modo que muito trabalho custou ao diretor o acomodá-lo. E, não obstante ser logo solto o pai do principal, escandalizou-se o gentio de modo que desertou todo para o mato, retirando-se os principais Chumina, Cupitá, Camaraí e o índio Roque, vindo a ficar despovoado um estabelecimento de 254 almas. O que deu motivo a responder o governo interino em carta de 12 de maio do dito ano, expedida ao comando pelo modo seguinte:

Ordenamos a Vossa Mercê com toda a moderação faça recolher à dita povoação os ditos principais e mais índios, com toda a diligência, desfazendo-lhes a má prática que lhes fizeram e, examinando bem com toda a clareza, se houve outro motivo para a dita deserção, dando-nos conta; e, sendo preciso ao tal língua muito bem seguro remeterá a esta capital, se ele for o culpado, ou outra pessoa, ou pessoas, que achar culpadas na dita deserção.

E suposto que alguns voltaram, como pouco depois voltou um dos principais com trinta e tantas pessoas das que tinham desertado, muito pouco tempo se detiveram porque, desmanchadas as roças que haviam deixado, segunda vez se ausentaram de todo.

Pouco tempo se passou que outra nova prisão dos principais gentios não desse causa a outra nova deserção. Foi avisado o comandante de que se preparavam para se ausentarem os principais Pixaú e Aramaná, da povoação de Conceição. Partiu ele mesmo [a] prendê-los, acompanhado da competente escolta, e assim o executou, remetendo-os em ferros para esta vila. Escandalizaram-se da prisão os índios moradores da outra povoação de Santo Antônio e Almas, por onde desceu a escolta que conduzia os presos, e, receando pouco depois o mesmo, desertaram à imitação dos de São Felipe. Estes, porém, pouco se detiveram no mato que não voltassem e se conservassem até a deserção geral. Da sobredita prisão [...] se não deu V. Excía. por satisfeito, como quem tinha refletido nos motivos da retirada do gentio de São Felipe, e receava bem a identidade das conseqüências desta. Isto foi o que [a respeito das deserções participadas]<sup>29</sup> lhe significou o governo interino em carta de 6 de dezembro:

São pouco gostosas as participações que Vossa Mercê faz sobre essas povoações ou gentes delas porem-se em fugidas ou terem essas desconfianças, podendo Vossa Mercê aplicar o seu cuidado em visitar as povoações e destruir-lhes esses abusos para que vivam sossegados esses povos e fazer conhecer que são vassallos de Sua Majestade, e aplicá-los, quanto for possível, ao trabalho nas suas respectivas povoações, que assim lho encarregamos. Porque de tudo há de ser responsável porque as repetidas recomendações que lhe temos feito se acham todas registradas nesta Secretaria. E, quanto à prisão dos principais, bem terminantemente a estranhou V. Excía. em carta de 16 de janeiro do seguinte ano de 1781: "Nas prisões que Vossa Mercê tem feito aos principais, deverá haver mais prudência, poupando-se este procedimento enquanto for possível, pois pode ser de perniciosíssimas conseqüências, praticado entre índios novos e sem a civilidade que até agora se lhe não tem introduzido, sendo assim fácil de se assustarem e de, escandalizados, para os matos fugirem, como já proximamente aconteceu; e nisto deve Vossa Mercê fazer toda a reflexão para todo o mau sucesso se evitar, e que, desgostosas outras nações, a nossa aliança repugnem e rejeitem para a prisão do principal para que Vossa Mercê remeteu,<sup>30</sup> me consta não houvera toda a causa e assim ordenei se soltassem os tais índios e que para aí voltassem.

<sup>28</sup> Acréscimo posterior: "correndo ele... do principal".

<sup>29</sup> Acréscimo posterior: "a respeito das deserções participadas".

<sup>30</sup> Interprete-se o fragmento "rejeitem para a prisão do principal para que Vossa Mercê remeteu" como "rejeitem. Quanto à prisão do principal que Vossa Mercê me enviou".



Não bastou, porém, a sua soltura para deixarem os 2 principais de se ressentirem da prisão, porque, soltos que foram e restituídos à sua povoação, imediatamente desertaram. E então que menos se devia escandalizar os outros que ficaram sucedeu nova desordem que é a seguinte. Ordenou o comandante ao soldado Francisco Glas, diretor da Conceição, que enviasse a muda dos índios que se haviam de empregar nos serviços da capital. Pediu o diretor os índios aos principais na forma do costume e, havendo-os dado uns, escusaram-se outros, como foi o principal Araucoré, alegando que os não tinha. Protestou-lhe logo o soldado que a ele não dar os índios, lançaria mão de um tio seu para servir no lugar dos outros. E, se bem o disse, melhor o fez, porque ao dito tio prenderam ele e o outro camarada Inácio de Sousa e o meteram na casa do tronco. Soube da prisão o sobrinho, o qual residia um pouco retirado da povoação, e, voltando a ela com o único índio que ele dizia que tinha para com ele libertar o tio, como lhe havia dito, que só a dar 2 índios o soltariam, retirou-se para sua casa, donde no seguinte dia saiu armado com os seus vassallos, libertou o tio à força e matou o soldado Inácio de Sousa, donde se seguiu, depois de perpetrado o delito, desertar para o mato, levando todos os seus vassallos.

Faltava terceira desordem para desertar o resto, como sucedeu. Conduzia de baixo para cima a canoa das tartarugas o soldado Bernardino Lameira. Era piloto dela o índio Pedro [do lugar de Carvoeiro],<sup>31</sup> que servia de língua da sobredita povoação da Conceição, e parente dos outros. Sucedendo pernoitarem na Cachoeira, sucedeu também haver descuido da canoa, de modo que se alagou. Escandesceu-se contra o índio o cabo, como se no índio somente recaísse a culpa do descuido, e, acutilando-o por isso, lhe abriu a cabeça e o feriu e maltratou de sorte que se viu obrigado a fugir, subindo a mostrar-se em semelhante estado aos parentes que se tinham deixado ficar na povoação sem desertarem, à imitação dos primeiros.

De tão repetidas desordens, muito se desgostaram os gentios da Conceição. Espalharam práticas pelos das outras povoações, a fim de todos desertarem. Informado delas o soldado Duarte José Migueins, que já então dirigia a povoação de Santo Antônio e Almas, e persuadido [de] que realmente intentava retirar-se o principal Capaxipana, assim o participou ao comandante, fundando o seu aviso tanto no que havia sabido da índia Isabel, filha do principal, como da denúncia que dava o outro principal Surusuraimé. Ordenou-lhe o comandante que para a fortaleza remetesse o principal denunciante para dele examinar melhor o que denunciava e a ele, diretor, recomendou que pela sua parte examinasse bem a realidade do intento. Havendo-se lhe confirmado tudo o exposto, porque, além das provadas testemunhas, já o referido Capaxipana não aparecia fora da casa senão armado, esperou que ele descesse do Tacutu, para onde havia subido, e o prendeu na fortaleza. [Outros avisos lhe fez o soldado Antônio Xavier Curto a respeito dos principais e índios da povoação de Santa Bárbara que ele dirigia, e sobre a resolução que tomou de prender e remeter o principal (Guiricari, por outro nome) Afonso e alguns índios, fundada nos ditos avisos, escreveu assim o governo interino em carta de 6 de setembro de 1781:

Enquanto as cartas que Vossa Mercê apresenta do soldado Antônio Xavier Curto só podiam servir a Vossa Mercê de aviso para passar àquela povoação a conhecer do fato para depois obrar o que lhe parecesse, e não capacitar-se tão facilmente do que dizem as ditas cartas, porque o mesmo soldado está dizendo o contrário, e da mesma sorte a fuga a que da povoação de São Felipe foi encaminhada, parece, pelas mesmas circunstâncias, segundo o que Vossa Mercê mostra pelas suas mesmas cartas, e não devendo desprezar as partes que lhe dão os soldados que servem de diretores, para a execução deve examinar muito bem a causa das ditas partes para bem de acertar.<sup>32</sup>

<sup>31</sup> Acréscimo posterior: “do lugar de Carvoeiro”.

<sup>32</sup> Acréscimo posterior: “[Outros avisos lhe fez ... bem de acertar]”.



Por este mesmo tempo, recebeu do soldado Inácio Nunes Balieiro, Diretor de Santa Isabel, a carta de 7 de setembro, que é a seguinte:

Depois que se recolheram os índios vindos do real serviço da capital, quis dar execução às repetidas ordens de Vossa Mercê sobre as reparações das casas e mais coisas e para a sua atividade achei uma conhecida rebelião nestes moradores, não querendo ocupar-se senão em fazerem arcos, flechas e mantimentos; e fazendo eu toda a diligência para saber o motivo de tão grande novidade, me avisou o índio Joaquim que somente esperavam pelos índios de Barcelos para se retirarem para o mato; os dois principais Tapicari e Saporá logo me fizeram o mesmo aviso, dizendo-me que os ditos diziam que antes de se retirarem haviam de matar um soldado, porque os irimiçanas não eram mais valentes que eles. Por estes avisos e todos os mais indícios referidos, rogo a Vossa Mercê lhe dê providência com toda a brevidade.

Esta consistiu em descer o comandante à povoação, onde prendeu os 2 principais Iaramené e Atorimé e, consigo, os conduziu para a fortaleza, onde ficaram presos.

Mais se radicaram no seu ódio os gentios da Conceição, porque, ajuntando então os motivos do seu desgosto, que consistia nas freqüentes aplicações dos índios empregados nos diferentes serviços, nas sucessivas desordens praticadas com eles pelos soldados, e nas repetidas prisões dos principais, ajustaram quase todos de se retirarem, como fizeram, abandonando a povoação em que haviam 349 almas, das quais já estava desamparada na ocasião da deserção geral, porque já então só se achavam nela os 2 principais Matias e Oruaimé. Quanto aos 3 principais Capaxipana, Iaramené e Atorimé, que estavam presos, resolveu-se o comandante a remetê-los para esta vila com mais alguns abalizados. Donde se seguiu desertarem logo os tapicaris de Santa Isabel. Guarneciam a canoa, presos, o cabo-de-esquadra Domingos Serrão e os soldados José Teixeira de Almeida, Manuel Ro[dri]gue[s] Braga, Bernardino Lameira e Januário José Nunes. Aportaram pouco abaixo do lugar em que agora existe a nova povoação da Conceição e, descuidando-se de vigiar sobre os presos e sobre os gentios remeiros, que eram das suas nações, repentinamente foram por eles surpreendidos e mortos [no dia 29 de setembro de 1781].<sup>33</sup> Atravessaram para a outra parte do rio, não contentes com as primeiras 5 mortes que haviam feito, e nela esperaram a canoa das tartarugas, que eles já sabiam que da fortaleza havia de subir um dia depois deles; chegou, com efeito, ao lugar da espera, e, no entretenimento em que puseram os 2 soldados José Nicácio Pereira e Luís Correia, que desciam nela, perguntando eles pelos soldados que tinham vindo com os ditos gentios, e respondendo-lhe estes que tinham ido ao mato, os surpreenderam e mataram igualmente que aos primeiros. Tanto era o ódio que eles haviam concebido aos soldados que nem depois de caídos lhes perdoaram. Ao soldado José Pereira, que anteriormente servia de cabo da canoa e que [os] maltratava muito nas viagens, tiranizaram quanto os incitou a cólera e a vingança, porque ainda sem vivo o arrastaram, repetindo-lhe as palavras “puxa”, “puxa” que ele costumava dizer-lhes, quando os fustigava para remarem. Aos 2 soldados Manuel Ro[dri]gue[s] Braga e José Nicácio, cortaram as cabeças. Para o que tudo feito,<sup>34</sup> subiram até a ponta de uma ilha, pouco inferior à Cachoeirinha, e nela ultimamente mataram o preto do comandante, que ali se achava fazendo salga de peixe.

Deram-se então por vingados e, subindo pelas povoações aos seus parentes, declararam o que haviam feito, intimidando a todos com o castigo que deviam esperar dos brancos, ausentando-se geralmente todos, à exceção do principal Surusuraimé, e até 46 pessoas da povoação de Santo Antônio.

<sup>33</sup> Acréscimo posterior: “no dia 29 de setembro de 1781”.

<sup>34</sup> Expressão equivalente a “Feito tudo isto”.





Do que tudo deu V. Excia. parte o comandante em carta de 7 de novembro do dito ano de 81, concluindo-a com pedir as providências e socorros de que necessitava. Ao que passou V. Excia. a responder em carta de 18 do mesmo mês, em que, depois de no exórdio dela manifestar o seu sentimento a respeito das desordens praticadas pelo gentio, escreveu assim:

Que sendo por ora impraticável o tratar-se do merecido castigo que a seu tempo se deve determinar desses bárbaros, visto que a atual diligência da demarcação e do que as duas repartições dela quanto a esta Capitania e a do Mato Grosso o dificultam com os seus indispensáveis incômodos e diversos entretenimentos de tropa e de índios, sem poder por isto mandar a Vossa Mercê maior número de homens, que com o fim do dito pretendido castigo requeri. Faço, contudo, aí passar o socorro de um cabo de esquadra com 19 soldados e 20 índios, aqueles para reforçarem a guarnição da fortaleza e estes para pescadores e mais diligências que se oferecerem [...] havendo acontecido o referido grande desastre e desassossego pelo descuido daqueles desgraçados militares, que ainda com uma mediana cautela não perderiam as vidas, nem estas maiores desordens facilitariam, tanto mais viva presença Vossa Mercê terá da vigilância com que se deve portar na guarda, conservação e defesa dessa fortaleza, que lhe está confiada, pois que ainda não sendo de esperar que tais bárbaros se deliberassem de atacá-la, contudo sabemos e como semelhante gente obra atraçoadamente, e como de descuidos se aproveita...

Para maior amargura respondeu o governo interino em carta de 20 de novembro, por que escreveu assim:

Causando-nos o maior desgosto os acontecimentos que Vossa Mercê nos participa... conhecendo ser a causa de tantas desordens aí sucedidas as prisões que Vossa Mercê tem feito aos principais das povoações, tendo sido advertido por muitas vezes e remetendo-lhe os primeiros que vieram presos pelas informações que aqui se tiraram que nada os culpavam mais do que conhecer Vossa Mercê ditos de soldados para entrar naquele procedimento com prisões, como tem feito, chegando por essa causa ao que agora se experimenta, e mais sendo essas povoações muito recomendadas pelo Sr. General do Estado, como já se disse a Vossa Mercê, porém tem-lhe faltado o modo e inteligência para conservação desses índios e povoações, e que importava que se retirassem a alguns principais, ou pessoas das povoações, sem fazerem outro crime que facilmente se tornariam a recolher, o que agora não farão pelos insultos sucedidos... e se Vossa Mercê entendia logo ao princípio que os índios determinados para este serviço podiam servir de algum acaso ou desordens, porque não deu conta para se determinar, conforme junto fosse de tudo precisamente se a de dar parte<sup>35</sup> com todas as circunstâncias ao mesmo Senhor General do Estado, porque na verdade não é tão pequena perda.

Com participações e respostas se foi passando o tempo, consumido em desmanchos das roças das povoações desertadas para se aproveitar a maniba, com algumas diligências de redução dos desertores e outras tarefas da economia da fortaleza e guarnição dela, quando a 7 de julho se apresentou o quartel-mestre João Bernardes Bortalho e ao tenente comandante entregou a ordem de V. Excia. datada de 17 de junho, que dizia assim:

Na forma que a Vossa Mercê será presente pelo tenente-coronel comandante dos destacamentos da guarnição desta capitania, mando agora aí passar o quartel-mestre João Bernardes Bortalho, para do governo dessa fronteira e fortaleza se encarregar, até segunda ordem minha, ficando Vossa Mercê ao dito quartel-mestre, afim de aí mesmo se conservar e seguir o que lhe determinar, conforme instrução de que vai prevenido.

<sup>35</sup> A palavra “conta” foi substituída por “parte”.



Encarregado o novo comandante da redução de uns e da aquisição de outros gentios, orientou-se para o conseguir, pela instrução que V. Excia. havia recebido; considerava que a V. Excia. devia a honra da eleição para o desempenho da empresa e a ânsia de acreditar o estimulou a mover com acerto os primeiros passos, como vou a mostrar. Porque, sendo informado pelo diretor da povoação do Carmo, quando por ela passou em 26 de junho de 83, que pretendia ir a sua terra o principal Surusuraimé, o qual tinha sido morador da povoação de Santo Antônio e Almas, antes da deserção geral e depois dela o havia mandado retirar para aquela o comandante passado, para não seguir o exemplo dos outros, e o dito diretor recomendou que, na primeira ocasião, o remetesse para na fortaleza o instruir da diligência que a ele tinha de confiar. [Teve, antes disso, de atalhar o passo ao principal Manuel, da mesma povoação, o qual desgostado do diretor e do trabalho que voluntariamente havia tomado de servir no pesqueiro para se vestir e de em pagamento dele se lhe haverem dado peças diferentes das que desejava, tomou a resolução de desertar acompanhado de 16 pessoas para cuja redução expediu logo uma escolta de 4 soldados a cargo do porta-bandeira Nicolau de Sá Sarmiento, o qual reduziu a voltarem o principal e 14 pessoas que se acharam e dos 2 índios que escaparam da dita escolta, uma faleceu no campo e outra se apresentou na fortaleza, donde foi expedida para a sua povoação. Este tem sido um dos principais e um dos melhores servidores de Sua Majestade nos descimentos do gentio. Ao principal Surusuraimé confiou com efeito quando subiu em setembro...]<sup>36</sup> Confiou-[...]

Por todo o tempo de 6 meses, desde setembro até março, que nas suas terras se demorou o principal, a todos passou a notícia da chegada do novo comandante e da diferença do tratamento que nele experimentara. Recolhendo-se em março de 1784 com 9 pessoas reduzidas, das que também haviam sido de Santo Antônio [e foram incorporadas na povoação do Carmo com as 4 primeiras] e este foi o segundo descimento que se conseguiu antes de ao comandante ser remetido o perdão que Sua Majestade foi servido dar aos homicidas e desertados, e V. Excia. o remeteu e mandou publicar e afixar na dita fortaleza, em carta de que lhe expediu.

Tinha antes dele expedido as ordens a todas as montarias do serviço da fortaleza, que no caso de encontrarem índio ou índia se lhes não fizesse agravo algum, nem os perseguissem, antes aplicassem a diligência possível por amigavelmente conduzirem algum à sua presença, na resolução de os despedir depois de bem presenteados. No dia 3 de abril expediu uma escolta de 20 soldados e 6 índios a cargo do cabo-de-esquadra Miguel Arcanjo, com ordem de se dirigir por terra para onde residia o principal Cupitá e reduzi-lo a descer na certeza do perdão. Teve a desgraça de não encontrar gente alguma e, passados 17 dias, se apresentou. Isto deu motivo para o comandante o expedir para o Carmo e fazer-se acompanhar de mais índios, subindo com mais 9 índios e os principais Surusuraimé e Jurumina. Do que se não satisfez muito o primeiro, porque chegado à fortaleza, requereu ao comandante que ambos eles queriam subir às suas terras e reduzir gente sem auxílio algum da escolta, porque esta podia ser expedida na mesma diligência para outra parte. E assim lhe deferiu, porque eles partiram com 3 índios para o Parima e a escolta de 20 soldados e 15 índios subiu pelo Tacutu, acompanhada do principal Manuel, que também era do Carmo. Subiu a 11 de maio e voltou a 11 de junho com 15 pessoas, das quais eram reduzidas 14 que tinham sido da Santa Bárbara 13 e 1 do Carmo.

[Acompanharam nesta ocasião a escolta, no desígnio de visitarem o comandante, o principal Ananaí, da nação macuxi, e o abalizado Paiacari, da nação uapexana [que tinha sido de São Felipe], os que foram muito bem recebidos, tratados e presenteados, ao ponto de prometerem descer passados três meses; [e recolhidos, eles desceram o principal Oassamari, da nação Uapexana, que tinha sido de São Felipe, com 5 índios, a título de visita, e, sendo igualmente recebidos e presenteados, voltaram com promessa de descerem quando os outros 2 primeiros por este tempo, quando

<sup>36</sup> Acréscimo posterior: “Teve antes disso... subiu em setembro...”

<sup>37</sup> Acréscimo posterior: “e foram incorporadas na povoação do Carmo com as 4 primeiras”.



voltou segunda vez a trazer 32 periquitos da serra de presente, mandou o comandante dizer ao Ananái que lá havia de ir a sua escolta, e que dele esperava que tratasse bem os soldados, assistindo-os com o que fosse necessário].<sup>38</sup>

Quanto aos principais, não tardaram muito, pela mesma canoa em que haviam subido, em avisarem ao comandante que nos distritos em que se achavam andavam 3 pretos holandeses acompanhados de índios caripunas, cativando os gentios e exercendo neles toda a sorte de hostilidades. No entanto, que ao comandante se ofereceu ocasião de aproveitar o conhecimento que tinha um gentio minocaua que serviu de guia para a escolta quando desceu e queria voltar logo do lugar onde estava refugiado o principal [Paranaimé]<sup>39</sup> Leandro Metelo da povoação de Santa Bárbara, reservou para mais vagar o despacho da participação dos índios principais e no dia seguinte de 12 reconduziu a escolta na diligência do referido principal Leandro, ao qual reduziu o cabo de esquadra, descendo com ele e mais 12 pessoas que se apresentarem no dia 19.

A chegada da canoa da carreira no dia 15 abriu novo campo para deferir à representação dos principais, porque no seguinte dia 16 expediu nela o porta-bandeira Nicolau de Sá Sarmento com 15 soldados e 13 índios para prenderem os referidos pretos holandeses. Eles, porém, apenas tiveram notícia da escolta, trataram de se ausentar para os seus domínios. Ainda porém que por esta parte frustrou a diligência, ganhou-se pela outra de encontrarem de volta o principal Iriamá, que não tinha descido, o qual já estava praticado pelo principal Surusuraimé, e vinha à fortaleza a pedir canoa para o transporte da sua gente a oferta que lhe fez o porta-bandeira de na dita canoa descer, como desceram, 29 pessoas, incluídos os principais novos Iriamá e Amamu, além dos 2 que tinham subido, que eram Surusuraimé e Jurumina, os quais todos se apresentaram à fortaleza a 8 de julho.

Quanto à escolta que se havia recolhido da diligência do principal Leandro em 19 foi reconduzida no dia 20 em seguimento do porta-bandeira, para continuar a diligência na redução dos peravilhanos por aquela parte e em que<sup>40</sup> não voltava, tratou de eleger lugar para o novo e 1º estabelecimento dos novamente reduzidos.

Expediu a 10 de julho o porta-bandeira, acompanhado do soldado João Antônio de Sampaio, encarregado de no lugar de Anajatuba, inferior à cachoeira deste rio, escolher o lugar mais próprio para o estabelecimento das 55 almas que consigo levava, e nele fundar-lhes a sua povoação. Escolheu o em que existe, que foi o de que informou ao comandante, e sobre o seu parecer foi V. Excia. servido ordenar dar-lhe a denominação de Santa Maria [em carta de 9 de agosto de 1784].<sup>41</sup> E esta foi a primeira povoação que se fundou em julho de 1784, depois da deserção geral das que estavam estabelecidas.

Quanto à escolta, que disse que havia subido em seguimento do porta-bandeira, depois de haver esperado 10 dias que ele regressasse para se reforçar com os soldados que o acompanhavam, verificado o reforço, continuou na diligência de praticar os peravilhanos e rastejando a situação das suas residências, deu fé das palhoças e de estarem todos ausentes. Viu-se precisado o cabo-de-esquadra a executar a ordem que lhe havia dado o comandante de no caso de extrema necessidade que o obrigasse a se aproveitar nas roças do gentio, se aproveitasse com efeito, deixando, porém, em paga as quinquilharias e peças que correspondessem ao proveito. Deixou na própria roça que encontrou as que lhe pareceram, por lhe não ter aparecido gentio algum; e passando a praticar os tapicaris e saporás sucedeu a desordem seguinte:

Encontraram 2 índios e 2 índias que casualmente pernoitavam em uma palhoça situada no campo, dispôs-se o cerco costumado para, ao romper do dia, serem praticados, na suposição de na dita palhoça existir mais gente, e

<sup>38</sup> Todo esse parágrafo é acréscimo, tendo sido a parte principal acrescentada como nota e os dois fragmentos entre colchetes, acrescentados como emendas à nota.

<sup>39</sup> Acréscimo posterior: “Paranaimé”.

<sup>40</sup> Nota do manuscrito: “encontrou-o passados 10 dias que esperou por ele que regressasse, como adiante informarei”.

<sup>41</sup> Acréscimo posterior: “em carta de 9 de agosto de 1784”.



avizinhando-se a ela o principal desta vila, André de Vasconcelos, que acompanhava a escolta, feriu-o com 2 flechadas um dos 2 índios gentios, o que fez com que não o esperasse o principal pela terceira, e desfechando com ele o matou. O mesmo infelizmente sucedeu a uma das 2 índias, que precipitadamente fugia para onde a cercava o índio Estevam, da vila de Moura, o que não distinguiu bem com o crepúsculo da manhã que era índia que fugia e, persuadido de ser o outro índio, que resistia, a matou. O segundo índio escapou a dar aviso aos outros; a segunda índia foi apreendida; e suposto que podia servir de guia para seus parentes, resolveu voltar o cabo da escolta, por evitar maior desordem naquela gentilidade. Voltou, no desígnio de examinar se tinham sido recebidas as quinquilharias que havia deixado em pagamento das roças de milho de que se tinha utilizado nas terras do principal Oruaimé [que tinha sido da Conceição],<sup>42</sup> não só as não achou, mas descobriu de novo uma estrada recentemente aberta para o mato. Entendeu que aquele era um sinal de admitir a prática e seguiu-a. Foi encontrar o dito principal a quem reduziu a descer a falar com o comandante, acompanhado do principal Basílio, que tinha sido de Santa Bárbara, e filho do principal Jarimé, além de 3 índios da repartição do primeiro. Apresentaram-se a 13 de agosto. Foram bem recebidos e present[e]ados o principal Oruaimé prometeu descer com a sua gente e subiu a dispota (?); o outro principal ficou para acompanhar a escolta na diligência dos seus vassalos que andavam dispersos e nunca mais se acharam. Já quando desceu, o Oruaimé vinha doente; da dita doença piorou, quando voltou à sua terra e, depois de haver recomendado a sua mulher, filhos e vassalos que cumprissem a palavra que tinha dado de descer, faleceu. Dele havia recebido ordem o abalizado Miquiapá, para da sua doença vir dar parte ao comandante, escusando-se por isso de não ter descido, quando prometera. O que executou o referido abalizado, a quem se fez o mesmo tratamento que aos outros, para também ele descer. Recolhido ele, apresentou-se o principal Pixau que tinha sido da Conceição, assim como o Miquiapá, e trouxe na sua companhia um filho seu, outro do Oruaimé e 6 índios da sua repartição, os que foram igualmente presenteados e prometeram descer.

A escolta que continuou a diligência pelo Rio Tacutu nos fins de agosto foi ter à terra do Ananaí que se não esqueceu da recomendação que havia recebido de a tratar bem, porque depois de franquear o milho e as frutas que tinha e os seus vinhos, disse que sentia muito que o comandante as antecipasse a recomendar-lhe o bom tratamento dos seus filhos, não necessitando ele de que disso o advertisse, depois do tratamento que havia experimentado. Mas este principal nem então, nem até agora, 30 de julho, cumpriu a palavra de descer. A dita escolta seguiu para o porto do principal Xixicuúba, da nação uapexana, e irmão do principal Manuel, que a acompanhava à sua instância já ele tinha prometido descer, e então cumpriu a palavra; desceu com a escolta acompanhado de 78 vassalos e se apresentaram entre descidos e reduzidos no dia 7 de setembro do mesmo ano de 84. Com esta gente, expediu a 10 do dito mês o soldado Adrião da Silva e o principal Manuel, encarregados de abaixo da cachoeira situarem no melhor lugar a segunda das novas povoações, a qual também V. Excia. ordenou que se desse a denominação de São Felipe;<sup>43</sup> e poucos dias depois se incorporaram a ela mais 6 pessoas pertencentes àquele principal que, depois de batizado, tomou o nome de Boaventura.

Era chegado o tempo de descer o principal Ananci e o outro Oassamari e o abalizado Paiacari, segundo haviam prometido. Nesta diligência foi expedida a escolta, pelo referido mês de setembro chegou às terras do primeiro e logo achou das palhoças umas queimadas e outras desertas. Passou aos estabelecimentos do principal Oassamari e do abalizado, os quais fielmente cumpriram: porque juntas com a escolta descerao ao todo 59 almas e se apresentaram a 26. Foram incorporadas com os novamente aldeados na segunda povoação de São Felipe.

<sup>42</sup> Acréscimo posterior: “que tinha sido da Conceição”.

<sup>43</sup> Nota do códice: No 3º § da carta de 13 de dezembro, em que disse: “conservar-se-á o nome de lugar de São Felipe e outra fundada com os desertores daquele abandonado estabelecimento e quanto a esta, assim praticado em memória do trabalho, que em semelhantes diligências daí teve o capitão engenheiro Felipe Sturm”.



A 1º de novembro do mesmo ano, de seu *motu proprio*, e sem ninguém os conduzir, se apresentaram o principal Miquiapá e 36 pessoas, incluídas nelas a mulher e filhos do defunto principal Oruaimé, com os quais foi expedido no dia 4 o cabo-de-esquadra Miguel Arcaño, encarregado de as aldear no chamado lugar das fábricas das madeiras, por dele se haverem tirado as da construção dos quartéis da fortaleza; e esta foi a 3ª povoação nova que se fundou e que por ordem de V. Excia. [em carta de 13 de dezembro de 1784]<sup>44</sup> tomou a denominação de Nossa Senhora da Conceição.

A 14 de novembro, subiu a escolta pelo Tacutu a continuar a diligência dos descimentos [andando na de praticar segunda vez os principais Cupitá e Maranari, chegou ao lugar em que residiam e achou as casas queimadas e nenhum gentio encontrou que os informasse dos motivos e do lugar do seu retiro].<sup>45</sup> E passados alguns dias, recebeu o comandante a participação que lhe dirigiu o cabo-de-esquadra em como nos distritos em que se achava, andavam alguns contratadores holandeses negociando escravos, do que dava parte para lhe ser ordenado o que a respeito deles devia obrar, ao que imediatamente respondeu que àquele respeito respondia com a cópia inclusa da ordem, que ultimamente havia recebido de S. Excia. em tal matéria, que foi a que V. Excia. datou de 9 de agosto de 1784, em resposta à participação que lhe fez da diligência dos pretos holandeses, denunciados pelo principal Surusuraimé, e dizia assim:

Sobre os pretos holandeses, que assistidos de índios caripunas constou andarem por aí fazendo escravos, sendo infelizmente alguns dos sobreditos desertadas pessoas, fez Vossa Mercê muito bem em procurar apreendê-los, posto que assim se não conseguisse, por se haverem ultimamente retirado; e se bem que em casos semelhantes se deve obrar da mesma forma, remetendo-se para aqui presas quaisquer pessoas daquela nação, achadas em tão péssima negociação, contudo com os índios caripunas haverá o maior cuidado de se não escandalizarem para, como nação numerosa e mais resoluto, a não voltarmos nossa inimiga, fazendo-se antes o possível pela reduzir, e ao menos pela não escandalizarmos.<sup>46</sup>

À vista dela, resolveu-se o cabo a prender o holandês que encontrou acompanhado de 2 índios; e havendo-se executado a ordem que lhe antecipou o comandante de só de noite passar pela fortaleza, se dirigiu a esta vila. Do que a seu respeito foi V. Excia. servido resolver, consta pela resposta que deu em carta de 31 de dezembro do dito ano:

Como segundo o que o cabo-de-esquadra me diz da paragem em que encontrou aquele estrangeiro, sendo entre as serras vizinhas ao Rio Rupunuri e ali em uma povoação de índios caripunas, mais afeiçoados dos holandeses que nossos, pode entrar em dúvida que tal distrito [pertença] ao domínio português, atendendo eu a esta circunstância e a que o mencionado sujeito ainda nenhum escravo tinha adquirido, se bem conheço que tais negociações e práticas, não obstante que daquela maior distância sempre são nocivas aos reais interesses de Sua Majestade, tenho, contudo, resolvido que o sobredito holandês com os 2 índios que o acompanharam sejam repostos no mesmo distrito e que dali da paragem mais cômoda se façam precisamente embarcar e seguir rio abaixo, de modo que não fiquem demorados, e em termos de se continuar o intentado negócio que convém embarçar e toda a nociva prática, em conformidade do que tenho advertido a Vossa Mercê e lhe torno muito a recomendar; mas porém aquelas apreensões só se fazem vindo

<sup>44</sup> Acréscimo posterior: “em carta de 13 de dezembro de 1784”.

<sup>45</sup> Acréscimo posterior: “andando na de praticar... do seu retiro”.

<sup>46</sup> “NOTA – A comunicação do Rio Branco com o Rupunuri, achada no ano de 1781, foi que o trajeto de terra que media entre o lugar em que desembarcaram no Rio Pirará e a margem do Rupunuri foi de 12 léguas e o trajeto que se descobriu no ano de 1787, muito superior ao primeiro, foi de uma légua entre o Tacutu e o Rupunuri, de sorte que dali de São Joaquim não serão mais de 5 dias de viagem”.



e entrando tais contratadores dentro dos reconhecidos distritos portugueses, como quando respondi sobre os pretos, deixei bastantemente perceber a Vossa Mercê. Do dito estrangeiro reconheceu V. Excia. os 2 passaportes que se lhe acharam, um do governador interino de Suriname e o outro do comandante do registro do Rio Esquivo.

A escolta seguiu o rumo e o destino que V. Excia. lhe determinou na dita carta de 31 de dezembro:

O cabo-de-esquadra pretende agora entrar pelos rios que ficam ou deságuam mais inferiormente a essa fortaleza da primeira esquerda ou do poente, e pretende que com a gente que por eles praticar e adquirir se forme outra nova povoação nas terras em que mais vizinhas à boca desse rio se acha estabelecido o pesqueiro real. E para que assim se execute em termos hábeis e possíveis, facilitará Vossa Mercê todo o auxílio preciso. O comandante a cumpriu como V. Excia. lhe ordenou, não que ele deixasse de prever os sucessos da dita escolta, mas para se desenganar V. Excia. de que o menos mal que então sucedeu, desde o dia 2 de fevereiro [em que foi expedida]<sup>47</sup> de 85 até 29 de maio do mesmo ano foi reduzir somente a descerem 16 pessoas da nação parauana, as que logo depois se ausentaram, depois de com elas ter inconsideradamente dado princípio ao lugar de São Martinho, e o resto do ano que por lá andou o cabo-de-esquadra com 14 soldados e 16 índios, o levou em seu seguimento o proveito de se esforçar o soldado Duarte José Migueins a segui-los, acompanhado de 9 índios e 2 soldados pelo espaço de 70 dias, que foi quando os alcançou e reduziu a voltarem tanto os 16 que haviam fugido, com mais 8 que acrescentaram e foram mandados para a povoação do Carmo.

Os descimentos continuaram da fortaleza para cima, antes e depois de descer a escolta para a dita diligência, mediante a atividade dos principais e abalizados. Os 2 principais Iriamá e Amumum,<sup>48</sup> da povoação de Santa Maria, os quais juntos com o outro principal Surusuraimé haviam subido à sua terra pelos princípios de novembro de 84, voltaram a 27 de dezembro do mesmo ano com a redução do principal Jurumaí, já praticado pelo comandante, quando tinha descido a visitá-lo, e mais 25 índios uapexanas, que tinham sido da Conceição. Foram incorporados com os de Santa Maria. Sem largar o fio dos descimentos desta povoação, escreverei pela ordem que em setembro de 85 subiram os mesmos principais e dentre eles voltou o Surusuraimé a 27 de outubro do dito ano com a redução do principal Cabeçaá, que tinha sido de Santo Antônio e Almas, e mais 24 pessoas, que todas se dirigiram para a respectiva povoação. O outro principal Iriamá, que havia ficado, voltou no 1º de janeiro de 85 com o descimento de 17 pessoas descidas da nação uapexana, que seguiram o mesmo destino. Na mesma ocasião, desceram a informar-se daquele lugar 1 principal e 2 índios da nação macuxi, e visto ele, se retiraram. Em abril de 86, subiram outra vez os principais Surusuraimé e Iriamá, e no 1º de maio se recolheram, trazendo o segundo 2 únicas pessoas que eram 1 índio e 1 filha sua, e disse que, [havendo] mais gente, a seu tempo voltaria a descê-la, depois de o gentio comer a roça que tinha plantado. Quanto ao principal Surusuraimé e Amumu, que então foi [que] desceu, depois de pela primeira vez ter subido, os reconduziu o comandante para cima, estimulando-os com presentes e com recomendações a não frustrarem as diligências, e a 18 de junho voltaram bem sucedidos porque desceram o abalizado Amaricoá e mais 28 pessoas, que são as últimas que para aquela povoação se têm enviado.

Cada uma das outras foi tendo igualmente o seu aumento. Porque em agosto de 85 subiram os principais Manuel Antônio, Oassamari, e baixaram ambos a 14 de setembro do dito ano, trazendo 20 pessoas, entre reduzidas e descidas. Tornou a subir imediatamente o principal Manuel a 16 de setembro, acompanhado do soldado Flaviano

<sup>47</sup> Acréscimo posterior: “em que foi expedida”.

<sup>48</sup> Interessante registrar esta variante gráfica do nome deste principal, pois o “m” final, que não ocorre nos registros gráficos anteriores, nos lembra aquele fonema vocálico final não era exatamente a nossa vogal oral, mas também não tinha o mesmo grau de nasalidade das vogais portuguesas. Casos idênticos ocorrem em palavras como jaboti/jabotim, sagüi/sagüim, maracaná/maracanã, anu/anum etc.



Pereira e, passado justamente 1 mês, baixaram com o abalizado Macieira, acompanhado de 27 pessoas uapexanas, novamente descidas. Terceira vez cresceu gente para a dita povoação, porque o índio Valério, do lugar dela, que tinha ido por remeiro da escolta expedida para cima, em março de 86, reduziu a descerem 8 pessoas uapexanas, novamente descidas, e, com o cabo-de-esquadra, se apresentaram a 20 do mesmo mês. No seguinte mês de abril tornou a subir o principal Manuel, como o índio Uaiquemaque, irmão do principal Oassamari, o qual baixou em 1° de maio com 23 pessoas uapexanas novamente descidas, e 3 dias depois se apresentou o principal Manuel com o descimento de 51 pessoas, também uapexanas, todas descidas.

A outra povoação da Conceição continuou a povoar-se do modo seguinte: Em dezembro de 84, subiu o principal Miquiapá e, passado 1 mês, voltou com 6 pessoas reduzidas. [Dele se informaram todos os principais refugiados a respeito da novidade do tratamento que havia experimentado e da sua informação dependeu a resolução que entraram todos a tomar de descerem].<sup>49</sup> Em março de 85, chegou à fortaleza um filho do principal Pixaú, representando em nome de seu pai a falta que tinha de canoa para o transporte da sua gente; expediu-a a 1° de abril e no mesmo mês se apresentou o dito principal com 20 pessoas peravilhanas reduzidas, assim como são todos os habitantes desta povoação. Pelos princípios de maio do mesmo ano, expediu-se a canoa da carreira a transportar o resto da sua gente e a 6 de junho voltou, trazendo ao principal Aramaú e mais 15 pessoas da repartição do Pixaú, irmão do que veio.

No dia 23 do dito mês, baixaram mais 12 pessoas da sua repartição. Na ocasião em que veio o principal Aramaú, veio com ele o outro principal Arauacoré, que tinha sido da Conceição, e, tendo ajustado com o comandante de descer, retirou-se para a sua terra a esperar pela canoa da carreira para se recolher. Assim se efetuou, porque a 27 de julho se apresentou com 49 pessoas reduzidas e em 27 de dezembro chegaram mais 5 pessoas da sua repartição. Em dezembro de 85, subiu o principal Aramaú na diligência de praticar e reduzir o outro principal Canhacari. Trouxe-o na sua companhia para a fortaleza, onde se apresentou em janeiro de 86 e depois de presenteado, assim como todos os mais, retirou-se a esperar canoa para o transporte da sua gente, o que se efetuou logo, porque a 8 de fevereiro se apresentou com 36 pessoas e a 21 chegou mais um rapaz da sua repartição. Além das referidas pessoas, veio em sua companhia um principal e 1 índio da nação uiacás para se informarem da nova povoação. Em 23 de março de 86, reduziu o índio Uassuperi e 4 pessoas. O mesmo índio voltou em abril com mais 5 e além deste bom serviço que fez, trouxe em sua companhia o principal Matias. Foi também recebido e presenteado. Como todos os mais, subiu logo para a sua terra a esperar a canoa da carreira, na qual conduziu 38 pessoas que se apresentaram em 23 de maio. Entre elas vieram 3 novamente descidos da sobredita nação uaicás. Os 2 primeiros uaicás que desceram ao principal Canhacari subiram às suas terras em março do corrente, e a 6 de junho voltaram trazendo em sua companhia mais um principal e 4 índios da mesma nação. O dito primeiro principal com mais 2 índios subiu à sua terra no dia 12 de junho a servir de guia para a diligência dos cristais e no dia 10 de julho se recolheu, trazendo sua mulher, 2 filhos e 1 rapaz de novo descido, e todos marcharam para o lugar da Conceição. No dia 10 do dito mês subiu o segundo principal uaicá, na diligência de descer os seus parentes, e o principal Matias, da povoação da Conceição, adiantou 2 índios a saber dos outros uaicás, que ele tem praticado, se estavam prontos para descerem. No dia 25 de junho, chegou o principal Leoni com mais 12 gentios uapexanas, no intento de se estabelecerem acima da fortaleza, na distância de meia hora de viagem. Subiu o principal Manuel a fazer novos descimentos no dia 27; e no dia 20 de julho, baixou um abalizado com mais 67 índios uapexanas, que se estabelecer no lugar que foi de Santa Bárbara; voltou com 2 índios para praticar mais gente, e os 4 que ficaram passaram a reconhecer a povoação da de São Felipe. No mesmo dia, chegou o índio uapexana que já tinha vindo a esta fortaleza, em companhia do abalizado Paiacari em 9 de junho, e levou canoa para recolher sua mulher e filhos, que são mais 4 pessoas, para se estabelecer no projetado lugar acima da fortaleza. Donde se vê

<sup>49</sup> Acréscimo posterior: “Dele se informaram ... a tomar de descerem”.



que, havendo contado a população do primeiro de janeiro do corrente de 693 almas, no curto espaço de 6 meses tem subido ao total de 907 e, por conseguinte, avançado em 214. Não se incluem ainda, nem os nascidos, que só devem constar do mapa anual, nem os 13 gentios que desceram com o principal Leoni. Ora, havendo constado a população do 1º de janeiro de 1780 de 1.112 almas, quando sucedeu a primeira deserção, e a do 1º de janeiro de 81, de 883, quando sucedeu a segunda, vê-se que para completar a primeira faltam 245 e para a segunda sobram 24 pessoas.

Do lugar em que está fundada a fortaleza, já em outra parte escrevi. É um reduto construído de pedra e barro, emboçado por fora de cal e areia. A sua frente olha para o sul, rio abaixo [e lados do poente para o rio, e o do norte que é a retaguarda, e do nascente para o campo],<sup>50</sup> e entre os dois meios baluartes que ele tem fica a porta do meio das cortinas que as fecha. A muralha tem de altura [...] e na retaguarda tem outros 2 meios baluartes. Tem 14 cachoeiras, das quais só duas não têm peças. Existem montadas 12: 1 de 1/4, outra de 16”, 4 de 3”, outras 4 de 4” e 2 de 6” e todas têm a sua precisa pelamenta, com soquetes e lanadas dobradas. Não tem obra alguma exterior. As interiores são para a direita da entrada da porta [entre os 2 meios baluartes da frente],<sup>51</sup> o quartel do comandante que consta de 2 camarins, e para a esquerda outra que serve de capela com seu alpendre de telha por fora e ao longo dela a outra casa de cozinha [particular do comandante].<sup>52</sup> O sobrado superior de todas estas casas é o que serve de armazém, que suposto, está coberto de telha [que sobressai à muralha],<sup>53</sup> muito arruinado se acha do cupim que tem consumido as tábuas do assoalho. Por isso, agora pretende o comandante refazê-lo de novo, assim como o quartel da tropa da guarnição que fica fronteiro e paralelo ao seu, pelo lado da retaguarda [e também entre os 2 semibaluartes dela].<sup>54</sup> Os esteios têm abatido muito e mais concorreram para o abaterem os movimentos do terremoto que neste rio houve e na fortaleza se sentiu pelas 2 horas e 1/2 da tarde de 22 de dezembro de 1784. Constam de duas ordens de casas, superior e inferior. As duas pequenas casas das extremidades [superiores]<sup>55</sup> servem de armazéns para as munições de guerra e de boca e atrás delas fica o quartel da guarnição. Foi no seu princípio coberto de madeira. Como logo se arruinou, passou-se a cobri-la de telha. [Também sobressai a muralha].<sup>56</sup> Nas suas paredes posteriores há duas soleiras abertas. Na segunda ordem inferior, ficam a casa do calabouço e da cozinha, também ao longo do quartel de cima corre uma varanda que serve de passadiço de um para outro baluarte. A casa de pólvora fica encostada à muralha do nascente em muito pequeno ponto. Consta a guarnição de 50 praças, incluída a do comandante, e costumam estar nas povoações de 2 a 2 e no pesqueiro 5. Existiam na fortaleza ao tempo da minha estada 32. Parte deles, ou quase todos se acomodam no novo quartel da fortaleza, enquanto se não reedifica o de dentro dela. [Tem 3 montarias e 2 canoas: 1 grande de 7 remos por banda da condução das farinhas para as povoações, e outra de 6, que é a da carreira; tem mais 2 medianas de 5 e de 4 remos por banda, que se empregam nas diligências da escolta e descimentos].<sup>57</sup> Pertencem 20 índios às diligências da pesca e condução das tartarugas do sustento da guarnição. São muito fartos a campina e o rio, que são a melhor e também a única vantagem deste destacamento. Durante a minha estada, o comum que se caçava eram 4 – 5 veados por dia; houve dias de 8 e 9. Há bastantes peixe[s]-boi(s), de que houve dia de 3. Tem-se chegado a em mês e meio pescarem-se no Uraricoera 30 peixe[s]-boi(s). Ora, toda esta fartura se aumenta muito na vazante. Quanto a farinhas, só as terras da Conceição Nova e as donde as deve a povoação de Santa Isabel são as mais próprias por terem matas e terras firmes para as roças, em pouca distância da povoação. Na dita de Santa Isabel, São Felipe e

<sup>50</sup> Acréscimo posterior: “e lados do poente para o rio, e o do norte que é a retaguarda, e do nascente para o campo”.

<sup>51</sup> Acréscimo posterior: “entre os 2 meios baluartes da frente”.

<sup>52</sup> Acréscimo posterior: “particular do comandante”.

<sup>53</sup> Acréscimo posterior: “que sobressai à muralha”.

<sup>54</sup> Acréscimo posterior: “e também entre os 2 semibaluartes dela”.

<sup>55</sup> Acréscimo posterior: “superiores”.

<sup>56</sup> Acréscimo posterior: “Também sobressai a muralha”.

<sup>57</sup> Acréscimo posterior: “Tem 3 montarias ... escolta e descimentos”.





Santo Antônio e Almas, pode multiplicar o gado, por serem campinas altas que se não alagam, e de verão conservam seu lugar. E na de Santa Isabel, corre o rio para dentro da campina.

Capelães são 2 desde Fr. Antônio de Oliveira, religioso carmelita, o qual se apresentou com o capitão Felipe da Costa Teixeira em maio de 1776, até Fr. José de Santo Antônio, religioso capucho, o qual se apresentou em 25 de março de 1777.

Dos principais gentios, que mais serviço têm feito, são Surusuraimé, que deu princípio aos descimentos; Manoel Antônio, que tem feito mais descimentos, e os maiores, como foi o de 79 pessoas em companhia da escolta, e de que se espera o novo; o Miquiapá, pelas boas práticas que de nós espalhou por todo o gentio e frutificaram muito; Iriamá, que fez 2 descimentos e dele se espera que continue...

Serviços próprios da escolta são muito poucos, a saber: o descimento de 15 pessoas por uma vez, de 13 por outra e 24 pela terceira, que tudo não passa de 52 pessoas, porque as 79 pessoas que com ela desceram por uma vez devem-se às práticas que a seu irmão fez o principal Manuel, que a acompanhava, além de mais que vieram depois as 59 pessoas que por outra vez baixaram com a dita escolta, pertencentes ao principal Oassamari, devem-se a práticas e prêmios que na fortaleza adiantou o comandante ao dito principal, quando desceu a visitá-lo; e as 3 pessoas que ultimamente foram conduzidas pelo cabo-de-esquadra foram praticadas e reduzidas pelo índio Valério, do lugar de São Felipe, o qual acompanhava a escolta como remeiro das canoas do seu transporte.

Dê-se a todos pano de algodão e não ferramentas.

## INVENTÁRIO DA CAPELA OU ALTAR PORTÁTIL

1 cálice de prata dourada e as suas pertenças, sem a colherinha. 1 píxide do mesmo, também dourada por dentro e por fora com seu manto de lhema<sup>58</sup> guarnecido de renda de outro, dentro de uma caixa de madeira coberta de corda de vão. 1 par de galhetas de estanho, muito usado. 3 vasos do [...] também no estado, porém muito arruinada. 1 campainha e castiçais de madeira pintada e uma cruz de madeira prateada, com a imagem de um crucifixo pintada nela. 1 alenterna de folha e vidro que se deu de esmola. Uma sobrepeliz de ruão de cofre guarnecida de renda que fez agora de novo, por já não servir a outra. 2 alvas de linho em bom uso. 2 toalhas de linho para o altar com bastante uso. 3 véus de cálice de tafetá branco, encarnado e roxo. 1 casula de damasco de lã com 2 faces, das diferentes cores, branca-encarnada e roxa, guarnecida de espeguilha de seda, em bastante uso. 1 frontal das mesmas 2 faces e cores.

Pelas 6 horas da manhã de 29 de maio, saímos da fortaleza em 3 canoas medianas, com mais 3 montarias, com 18 praças, incluso o comandante, e 36 índios. Portamos à meia viagem do rio Surumu e pouco abaixo da sua foz pernoitamos. Entramos nele pelas 7 da manhã do dia 30, e às 6 da tarde aportamos dentro do igarapé do Nascimento, donde na manhã de 31 nos pusemos em marcha, andando violentamente pela campina e tendo passado muitos pantanais com a água até a cinta, pelas 3 da tarde chegamos à fralda da 1ª serra, a poente do caminho que seguimos, na que residia o abalizado Paiacari. Daqui seguimos caminho ao norte pela imensa campina no 1º de junho, e a ele nos veio cumprimentar o dito abalizado com 2 gentios novos. Um deles serviu de guia para em menos tempo chegarmos à grande cordilheira e, no igarapé que corre pelas suas abas, na distância de 2 léguas, pernoitamos.

Dois que conosco confinam pelo Rio Branco são os espanhóis<sup>59</sup> e, pelo Tacutu, Maú e Pirará, são os holandeses da fortaleza a Caiá-Caiá no Rio Branco, são 5 dias, e dali a Santa Rosa, dentro do Rio Uaricapará, são pelo menos do mesmo modo que em canoa equipada é viagem de 15 dias. Por outra parte, quem sai da fortaleza por terra até o Rio

<sup>58</sup> Palavra desconhecida, pode resultar de um erro de cópia.

<sup>59</sup> Nota do manuscrito: “dos espanhóis digo holandeses”.



Rupunuri gasta 5 dias. Do lugar onde vai sair até a boca do dito rio, a viagem em 6. Na dita boca está situada a primeira feitoria holandesa. O seu negócio consiste em escravos que resgatam por armas, terçados e drogas de fazendas. Os agentes desta negociação são os índios caripunás. Estes são amigos dos macuxis e estes outros dos peravilhanos. Donde vem que se adiantam pelos nossos domínios, a surpreenderem e cativarem os gentios da nossa devoção, particularmente os uapexanas, que são entre eles reputados pelos mais imbeles e, por conseguinte, os mais perseguidos dos caripunás, macuxis etc. Todo o descuido na observação dos mais leves movimentos que por estas fronteiras se sentirem ameaçará a mais pela porção de terras que, neste rio, se possuem. Sobre o modo de a conservar, são tantas as cabeças quanto sentenças. As que se contentam com uma só fortaleza, nem se agradam do lugar em que está a que temos porque a desejam mais acima para avançar terreno, nem se contentam com pouco número de tropa porque detalham diversos destacamentos, digo a isto que o ponto da junção dos 2 rios com a diferença da base que deve ter a fortaleza é a que por nenhum modo se deve largar, porque o que a fundar mais acima, ou vai fundar no Uraricoera, e deixa livre a descida mais pelo Tacutu, ou a funda neste e deixa livre a dos espanhóis pelo Uraricoera. A esta objeção se responde que, para guarnecer a boca de um deles se deve deixar um destacamento e que por isso é preciso mais tropa, em se pode então detalhar tantos destacamentos quantas são pelo menos as bocas dos rios superiores, desde o Anauá para cima, porque as vertentes desta são comuns à do Rupunuri e todas as mais, ou pelas suas cabeceiras ou pelos trajetos se comunicam. A mesma resposta dou aos que pedem mais de uma fortaleza, porque também são precisas tantas quantas as bocas dos rios. [...] a mesma fortaleza que temos no ponto de junção pode impedir, porventura, que pelo rio Anauá que lhe fica tão inferior [pela margem do nascente]<sup>60</sup> desçam para o Branco e passem para o Negro os holandeses que do Rupunuri subirem a sua comunicação com o referido Anauá? Pode impedir porventura que no Uraricoera passem, como já passaram antes deles os espanhóis do Maracá, para o Mucajaí também inferior a ela pela margem do poente, e assim entrem no Branco?

Digo, pois, que a fortaleza, no ponto da junção dos dois rios serve de defender [a um tempo e de um só lugar]\* a descida que se intentar pelas 2 bocas principais e de em si entreter sempre pronta a força de guarnição para ao menor pressentimento que tiver do movimento nas confinantes, reforçar os reprimentos que adiantar, aquele é o centro donde se devem destacar, a vasculhar cada mês pelo menos 2 canoas de observação; uma vai observar os movimentos dos espanhóis pela parte superior do rio Branco, a outra os dos holandeses pelo Tacutu. Nunca jamais devem parar os seus giros. Recolhida uma, sai a outra escolta. Por este modo, sem se aumentar a tropa, se guarnece e observa incessantemente [a] fronteira.

Quanto à objeção das despesas, são as mais diminutas que podem ser a querer Sua Majestade as suas fronteiras observadas sem maior número de destacamentos. Uma canoa de 3 remos por banda ocupa 7 índios remeiros. A guarnição de observações não requer mais do que 3 soldados e 4 cabos, estes tanto soldo e pão percebem na fortaleza como em diligência; logo, as 2 canoas requerem 14 índios, que são as rações e os salários que recebem em estando a chegar a escolta para ser rendida, sobem as povoações do rio os índios da muda e neste giro se conservam sempre estes 2 destacamentos. Não de outro modo se guarneciam as 2 costas do Pará, com conhecido proveito desta recomendação do Ministério: Tirem-se do número dos 50 praças 8 para as escoltas, 4 para as povoações superiores, 2 para as canoas e 4 para o pesqueiro, ficam na fortaleza 32.

Quanto ao gênero de soldados, exercício deles, fardamento etc., vê-se que soldado de praça não serve para o mato, nem o de mato para a praça.

<sup>60</sup> Acréscimo posterior: “pela margem do nascente”.

\* Acréscimo posterior: “a um tempo e de um só lugar”.